

# Textos

Dinair Fernandes Pires

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 00/00/0000

Título : Fotos de papel

Categoria: Crônicas

Descrição: Pertenço ao grupo, em extinção, que seleciona fotos especiais, imprime-as e organizadas em pequenos álbuns. Gosto de manusear várias vezes as mesmas fotos e não sou adepta de clicar em aparelhos para vê-las passar.

Pertenço ao grupo, em extinção, que seleciona fotos especiais, imprime-as e organizadas em pequenos álbuns. Gosto de manusear várias vezes as mesmas fotos e não sou adepta de clicar em aparelhos para vê-las passar. Acho interessante armazená-las num equipamento tecnológico, mas não confio neles como arquivo permanente. Gosto de porta-retratos, de painéis palpáveis, de quadros que lembrem ou reverenciem pessoas, lugares e momentos singulares. Acredito que é imprescindível que os mais novos se familiarizem com seus ancestrais, parentes ou amigos distantes, e a foto é uma referência concreta. Importante que se vejam também em outras etapas que viveram até para perpetuá-las em seu coração e fortalecer ganhos e perdas de cada uma delas.

Tranquilamente escuto “chacota” dos filhos, netos, sobrinhos, amigos jovens, quando me veem fazer isso. Continuo a doce tarefa de carinhosamente ilustrar cada fase de vida dos que me são caros e estou certa de que, em determinado momento, muitos deles vão pleitear a posse desses

retratos. Costumo dizer que se não fosse valioso guardar referências históricas os museus seriam implodidos.

Os traços que cultivamos têm sempre uma origem, e eu vejo fotos tiradas por meu pai, na 2ª Guerra Mundial, no arquipélago de Fernando de Noronha, com uma Kodak quase do tamanho de uma caixa de sapatos e tenho vontade de mandá-las para um museu. Isso era encantamento e vontade de que outros compartilhassem das maravilhas virgens que lá se escondiam. Parece com a frase célebre do menino que pedia ao pai: “me ajuda a olhar”. Em mim, gostar de fotos é raiz. Só para ilustrar e fortalecer o assunto em questão, cito um fato ocorrido há pouco tempo, depois de momentos felizes vividos em família e com amigos, em datas e lugares singulares: 480 fotos, em máquina digital, acidentalmente deletadas. Consternação geral... Busca de recuperação fracassada. Minha neta de 11 anos se apropriou como uma leoa das que tinham sido reveladas, escondeu-as e levou consigo para a Inglaterra... Será também raiz?

Setembro de 2013

Data : 30/11/1965

Título : Retalhos

Categoria: Poesia

Descrição: E essa imagem que pouco a pouco

E essa imagem  
que pouco a pouco  
se agiganta à minha frente  
não é a sombra  
de felicidades que passaram.  
Eu sei...  
ela é o prospecto  
de felicidades que virão.

E essa crença,  
essa certeza de que algo vem,  
de que algo sonha comigo,  
de que algo vive em meu ser,  
fazem com que se fortifique  
cada vez mais  
esta graça imensa de esperar.

Novembro/65

Data : 31/01/1966

Título : Fim de poema  
Categoria: Poesia  
Descrição: Sempre que acabo um poema sinto um esmorecimento total...

Sempre que acabo um poema  
sinto um esmorecimento total...  
sensação exaustiva de pensar  
que nunca mais encontrarei palavras  
para uma nova composição,  
cansaço total de saber  
que um esforço crescente não deixou  
que sobrasse nada para uma nova canção.

E fico a olhar com descaso  
o que acabo de sentir,  
o que acabo de pensar.  
Surge então uma vontade imensa  
de chorar.

É a tristeza de não poder deter  
o que se vai, sem nada deixar.  
Tenho ímpetos de espedaçar os versos  
e jogá-los ao léu para que se destruam,  
mas releio-os todinhos  
e guardo-os com carinho.

Janeiro/66

Data : 30/04/1966  
Título : Desencontro  
Categoria: Poesia  
Descrição: A noite suave, a música calma,

A noite suave,  
a música calma,  
eu a te buscar  
e não te encontrar...

O corpo cansado,  
a alma serena,  
eu a te encontrar  
sem te procurar...

Abril/66

Data : 30/04/1966  
Título : Descrença  
Categoria: Poesia  
Descrição: Vejo a fé como quem recorda

Vejo a fé  
como quem recorda  
com quase velhice  
o vulto disforme  
e sem sentidos  
de um brinquedo  
que se quis...  
que se teve...  
que se perdeu.

Abril/66

Data : 31/07/1966  
Título : Minha inspiração  
Categoria: Poesia  
Descrição: Procuro o luar... hoje não veio. Procuro o perfume... hoje findou.

Procuro o luar... hoje não veio.  
Procuro o perfume... hoje findou.  
Procuro uma noite que está de luto,  
para um canto que não chegou.

Procuro estrelas que já não brilham.  
Procuro a brisa que há pouco passou.  
Procuro a ternura que não foi ternura,  
porque por frieza logo acabou.

Procuro um vulto.  
Procuro um beijo.  
Procuro um insulto,  
ou um desejo.

Procuro carinho.

Procuro amor.  
Procuro o sozinho,  
com restos de dor.

Procuro aquele sopro de esperança,  
que fica sempre em um adeus feliz.  
Procuro aquela angústia... aquele medo,  
que vêem sempre o que nunca se diz.

Procuro aquele poema que me conforta,  
que me enleia,  
que me faz sentir de perto  
o sentimento.

Procuro aqueles versos  
que nunca cansam,  
que nunca reclamam,  
que nunca perguntam,  
por que eu os trouxe aqui.

Os versos... o poema...  
O canto... a ternura...  
O beijo... o amor...  
A noite... o luar...  
O vulto... as estrelas...  
O perfume... a brisa...  
A dor... o insulto...  
Onde estão?  
E... com eles dorme tranqüila  
A minha inspiração.

Julho/66

Data : 31/12/1966  
Título : Solidão  
Categoria: Poesia  
Descrição: A noite é calma e eu me debruço à janela

A noite é calma  
e eu me debruço à janela  
para buscar a tranqüilidade  
que eu sei... não virá.

O vento é suave  
e eu estendo as mãos

para encontrar a suavidade  
que apenas... passará.

Hoje, as estrelas não vieram.  
Eu as chamo, eu grito por elas,  
e elas não ouvem,  
elas não respondem...

Eu sei  
que numa noite sem ti,  
não existe calma,  
não existe suavidade,  
não nascem estrelas.

Dezembro/66

Data : 31/01/1967

Título : Entusiasmo

Categoria: Poesia

Descrição: Isto não é um poema de amor, não é um poema de paz,

Isto não é um poema de amor,  
não é um poema de paz,  
não é um poema de sonho,  
nem de promessas banais.

São montes de carinhos que querem ser ditos.  
São milhares de ternuras que merecem viver.

Isto não é um poema de futuro  
não é um poema de passado,  
não é um poema de sussurro,  
nem de segredo mal-contado.

São palavras que querem falar  
de hoje e de sempre,  
mas que não te pedem  
nem te dão nada.

São monólogos infinitos  
que me falam de ti.  
E diálogos vazios  
que me separam de nós.

Janeiro/67

Data : 31/10/1967  
Título : Confusão  
Categoria: Poesia  
Descrição: Ontem cheguei à janela para ver o céu brilhar,

Ontem cheguei à janela  
para ver o céu brilhar,  
mas só assisti a terra  
como louca rodear...  
Hoje cheguei à janela  
para ver a flor nascer,  
mas só assisti o vento  
balançando e a flor morrer.

Ontem cheguei ao meu quarto  
para me ver descansar,  
encontrei tudo revolto  
que resolvi não deitar...  
Hoje cheguei ao meu quarto  
para meu canto cantar,  
o canto era tão pequeno  
que precisei sufocar.

Ontem encontrei meu amor  
tão distante a me olhar,  
que precisei fazer voltas  
para não o ver voltar...  
Hoje encontrei meu amor  
tão pertinho a me escutar,  
que escrevi estes versos  
pedindo pra ele ficar.

Outubro/67

Data : 31/10/1967  
Título : Frustração  
Categoria: Poesia  
Descrição: Vai chover... O céu está negro,

Vai chover...

O céu está negro,  
o vento, forte  
e a terra toda  
parece estremecer  
baixo este luto  
que é cada vez mais denso.

As primeiras gotas começam a cair  
e eu sinto vontade  
de correr pelo campo  
até que a roupa se cole ao corpo  
e eu pareça uma seqüência da chuva;  
deitar-me na terra, depois,  
e não parecer mais gente,  
mas poça d'água  
em forma de caracol.

Está chovendo...

E a minha roupa está enxuta,  
e os meus pés calçados,  
e eu sentada a escrever...

— Não parece isso um desperdício?

Outubro/67

Data : 31/10/1967  
Título : Retrato  
Categoria: Poesia  
Descrição: Trago dentro de mim o gelo da neve

Trago dentro de mim  
o gelo da neve  
e fora de mim  
o calor dos desertos.

Minhas mãos são instrumentos  
de versos que não choram...  
Meus olhos, janelas vazias  
de paisagens que morrem.

Trago dentro de mim  
o gelo da neve...

Meus ouvidos são prisões  
de ecos que não quero ouvir...  
Minha boca, a amargura  
de quem começa a mentir...

Trago dentro de mim  
o gelo da neve...

Todos os meus sentidos  
estão inertes  
como água parada  
em dia de vento.  
Eles dormem o entorpecente  
sono dos suicidas  
e eu não posso acordá-los, pois...

Trago dentro de mim  
o gelo da neve...

Outubro/67

Data : 31/10/1967

Título : Desencanto

Categoria: Poesia

Descrição: Uma vez sonhei que o céu era eternamente azul

Uma vez sonhei que o céu  
era eternamente azul  
e que o sol brilhava nele  
até a lua chegar...  
Acordei e fui correndo à janela,  
o céu estava cinzento,  
nem sol, nem lua a passar...

Uma vez sonhei que as flores  
sufocavam os meus pés  
e que para não magoá-las  
resolvi não caminhar...  
Acordei sem cobertor,  
olhei os pés sonolentos,  
neles havia as marcas  
das pedras onde pisara...

Uma vez sonhei que o amor  
era como bola de cristal  
que se caísse no chão

nada podia restar...  
Acordei em pranto alto,  
abraçada no travesseiro,  
como se ele fosse o cristal  
que me corria dos dedos...

Assim, sonhando, cresci  
e acordando... chorei.

Só queria, se pudesse,  
sonhar por noites sem fim  
e fechar os olhos quando  
o despertar fosse assim...

Mas fechar os olhos  
não pode resolver nada  
pois a mente continua  
a trabalhar, ainda cansada...

Cerrando os olhos... cresci  
e pensando... chorei.

Só queria, se pudesse,  
cerrar os olhos... sonhar...  
mas deixar que o pensamento  
ficasse no mesmo lugar...

Mas parar de pensar  
não soluciona o meu caso,  
porque o que eu precisaria  
é despertar sem cansaço.

Outubro/67

Data : 30/11/1967

Título : Compreensão

Categoria: Poesia

Descrição: Em tudo eu sinto o cheiro de dia de feriado... Tenho vontade de correr para casa

Em tudo eu sinto o cheiro de dia de feriado...

Tenho vontade de correr para casa  
e ficar ao teu lado, calada,  
para que as palavras

não criem entre nós  
a barreira dos mal-entendidos  
que se edifica  
dia a dia.

Ficar ao teu lado  
e não falar...  
e sentir que mesmo  
sem dizer palavra alguma  
tu me repetes  
qual fosse um livro  
que tivesses decorado.

Ficar ao teu lado  
e calar...  
mas sentir que mesmo  
no silêncio  
tu escutas o som  
da angústia e do cansaço  
que vibram dentro de mim,  
como se mil tormentos  
tivessem me povoando.

Novembro/67

Data : 31/12/1967  
Título : Natal  
Categoria: Poesia  
Descrição: Depois desta janela tem uma praça enfeitada,

Depois desta janela  
tem uma praça enfeitada,  
tem vitrine colorida,  
presente, flor,  
neve, anjo,  
papai-noel sem falar  
encantando a gurizada...

Tem uma árvore bonita  
com luzinhas e estrelas  
e bonecas de mãos dadas  
pedindo que venham vê-las.

As ruas estão cheias de gente  
que falam em Natal

e correm...  
e buscam sinos...  
e tagarelam à toa.

Como é lindo ver o mundo  
rodar mais depressa  
porque dezembro chegou.  
Como é lindo ver o nariz esborrachado  
nas vitrines  
das crianças sem dinheiro...

Mas... como é triste o Meu Natal...  
Não sei por que...  
o meu Natal sempre foi triste!

Dezembro/67

Data : 31/01/1968  
Título : Ausência  
Categoria: Poesia  
Descrição: Meus dedos sem gesto. Minhas mãos sem vida.

Meus dedos sem gesto.  
Minhas mãos sem vida.  
Meu olhar sem brilho.  
Minha visão perdida.

Minhas palavras sem eco.  
Meus ouvidos tontos.  
Minha boca muda.  
Meus poemas... contos.

Meu andar inerte.  
Meus passos sem vida.  
Meu pranto calado.  
Meu peito... ferida.

Meu amor guardado  
para te ofertar.  
Nesta ausência tua  
de noite sem luar.

Janeiro/68

Data : 31/01/1968  
Título : Espera inútil  
Categoria: Poesia  
Descrição: Hoje eu te esperei, mas em teu lugar

Hoje eu te esperei,  
mas em teu lugar  
encontrei a chuva fria  
e as mãos vazias.

O riso  
morreu em mim  
e meus ouvidos  
só sentiram  
a dor e a solidão  
da noite sem fim.

Dói esperar  
e ficar só...

Nunca sentiste  
os braços vazios  
de um esperar inútil?  
Nem a loucura  
de ver tudo rolar  
como um sonho fútil?

Quando a gente  
vive em burburinho,  
não pode compreender  
quem está sozinho.

Janeiro/68

Data : 31/01/1968  
Título : Recado  
Categoria: Poesia  
Descrição: Tenho ciúmes de ti, que estás comigo,

Tenho ciúmes de ti,  
que estás comigo,

e pena de mim,  
que estou sozinha.

Janeiro/68

Data : 30/06/1980

Título : Saudade

Categoria: Poesia

Descrição: Saudade grande do namorado tão delicado

Saudade grande do namorado  
tão delicado  
sonho ofuscado  
tão machucado  
na correria  
do dia-a-dia  
no suor do rosto  
sem poesia.

Saudade grande do namorado  
tão brincalhão  
trazendo a rosa  
lá no portão  
que foi sumindo  
na multidão  
perdendo o brilho  
na poluição.

Saudade grande do namorado  
apaixonado  
olhos-nos-olhos  
encabulado  
todo embotado  
pelos revezes  
da contramão  
ensimesmado  
na confusão.

Pobre, querido,  
amigo, antigo,  
cansado, amado  
namorado:

- Dá-me tua mão e vamos  
colher a rosa no portão,  
passar sem direção,

desenrolar o nosso coração...

Junho/80

Data : 31/07/1981

Título : A vida

Categoria: Poesia

Descrição: O amor de louco se faz fogo: a ânsia de fugaz se faz terrena;

O amor de louco se faz fogo:  
a ânsia de fugaz se faz terrena;  
o desejo de real se torna brilho;  
a imensidão de Deus... uma centelha.

Num sopro de quimeras ou demências,  
algo se move por um ninho quente:  
é uma vida, que com risos ou descrenças,  
amplia a natureza decadente.

Ah, quanta coisa pra depois do sopro,  
amor... sonho... luta... insensatez...  
pra de repente escorregar no negro  
e voltar a centelha... outra vez.

Ah, que sobrou para depois da noite?  
Um rosto... uma lembrança... uma saudade,  
um ai sentido de quem fica e sofre...  
ou o vazio de se apagar sem ter idade?

Julho/81

Data : 31/12/1995

Título : Magia

Categoria: Poesia

Descrição: Tornar-se avó é maravilhoso! Há pouco tempo era simplesmente mãe.

Tornar-se avó é maravilhoso!  
Há pouco tempo era simplesmente mãe.  
Mal havia guardado o último urso de pelúcia,  
e pensava em recolher os balanços,

tive que buscá-los!  
Os gestos de assombro,  
os gritinhos de prazer que se  
perderam quando meus filhos  
cresceram estavam de volta.  
É um prêmio!  
Faz renascer a magia:  
volta o brinquedo, o jogo,  
o livro de histórias,  
o “bolso sem fundos”,  
as balas na bolsa de compras,  
a cesta de Páscoa,  
o Papai Noel...

Volta o sonho!

Dezembro/95

Data : 31/12/1995

Título : Aos velhos da minha vida

Categoria: Poesia

Descrição: Obrigada por me ensinares a fazer nós e pontos, balas e pão.

À minha avó

Obrigada por me ensinares a fazer  
nós e pontos, balas e pão.  
Tirar leite das vacas e  
cuidar das plantas.  
Pelo café com farinha e  
o charque no pilão.  
Pelo banquinho,  
que me fazia mais alta,  
pra te ajudar no fogão!

Dezembro/95

Ao meu avô

Obrigada pela gaita de boca  
que fazia as estrelas  
de nossas noites dançar.  
Os causos de galpão,  
fantasmas e aparição.  
As melancias, flores e  
flautas de taquara.  
E por teres me feito sentir  
que a justiça se  
sobrepõe ao coração!

Dezembro/95

Ao meu pai

Obrigada por teres me apresentado  
ao “mundo dos livros”,  
pela voz que cantava,  
pela retidão de caráter  
pela garra, pelo verbo e  
o gosto de escrever!

Dezembro/95

À minha mãe

(a maior de todas as mestras)  
Agradeço a humildade e nobreza,  
o amor e o equilíbrio,  
a sabedoria e o afago.  
O teu colo, até hoje, cura  
as maiores feridas  
e o teu café da manhã  
traz a força para o dia incerto!  
Tuas histórias, fábulas, poemas  
e contos da Selecta  
norteavam todos os outros  
conhecimentos,

mas não os suplantaram  
teu exemplo traz pra mim um  
modelo de velhice.

Dezembro/95

Data : 31/05/2001  
Título : Camélia em flor  
Categoria: Poesia  
Descrição: Camélia de meia-idade (como eu),

Camélia de meia-idade  
(como eu),  
trazes flores brancas,  
muito abertas,  
e outras já semimortas,  
que estão prestes a cair.

Mas trazes tantos botões,  
impossível enumerar.  
Se a morte te viesse hoje,  
onde iriam parar?

Se em mãos de viveiristas,  
renderias quantos pés?  
Caindo em mãos de artistas,  
quantos arranjos darias?

Mas, se ninguém te notasse,  
pó somente serias  
e pra terra retornarias.

Maio/2001

Data : 30/06/2001  
Título : (Des)encontro  
Categoria: Poesia  
Descrição: Ah! Meu eterno namorado, meio enrugado,

Ah! Meu eterno namorado,  
meio enrugado,  
ensimesmado,  
às vezes cansado e  
tão fechado!

Às vezes me pareces  
um estranho  
tão instalado no teu silêncio  
que me afasto –  
para não te perturbar e  
não me estressar...

Mas... quando teu corpo  
me abraça tão quente,  
me afogas em beijos  
que são tão ardentes,  
as rugas somem,  
os teus olhos brilham ,  
ensaias sorrisos  
e voltas “menino”,  
quão belo te tornas!  
O tempo retorna,  
te vejo tão jovem,  
moleque... matreiro...  
fazendo “mil artes”  
que só eu entendo  
porque são as mesmas  
que nos atraíram  
e nos trazem juntos  
até... sabe quando?!

Te olho sisudo,  
não és o meu amor;

te olho moleque,  
és a minha paixão;

te olho parado,  
não és nada meu;

te olho lutando,  
és o orgulho meu;

te olho ranzinza,  
só quero distância;

te olho tristonho,  
te quero comigo!

Te olho amargo,  
fecho o meu corpo;

Te olho tão forte,  
me encolho em teus braços  
e me encho de força!

Sabes?

És o meu pedregulho  
e a minha relva.  
És o meu estio  
e a minha chuva.  
És a minha nuvem  
e o meu sol.  
És o meu mistério  
e o meu encontro!

Junho/2001

Data : 31/01/2002

Título : Banzo

Categoria: Poesia

Descrição: ... Cansaço... desânimo... inanição.... será isso vazio

... Cansaço... desânimo... inanição....  
será isso vazio  
na multidão???

Começo a reagir  
voltar à rotina  
ser tarefaira,  
que saudades já  
da minha  
gordinha arteira...

Preciso de  
um anjo  
para curar  
meu banzo.

Janeiro/2002

Data : 28/02/2002  
Título : Maré  
Categoria: Poesia  
Descrição: Irmã é doce e sereno como o barulho do mar.

Irmã é doce e sereno  
como o barulho do mar.

Ter irmã é ter maré  
que banha, salva e dá pé.

Fevereiro/2002

Data : 30/04/2004  
Título : Menina de asas  
Categoria: Poesia  
Descrição: Eu tenho uma menina... Quieta, irrequieta,

Eu tenho uma menina...  
Quieta, irrequieta,  
Gorducha, franzina  
séria, tagarela,  
valente menina!

Eu tenho uma menina  
tão perto, tão longe,  
inerte, arteira,  
presente, distante,  
menina aventureira!

Procuro por ela  
está dentro de mim  
da segunda vez...  
escapou, sumiu.

Ah! Minha menina...  
que sonha  
que chora  
que acalma  
e consola  
que briga  
e alcança  
(desde a infância)

aquilo que quer.

A minha menina tem asas  
tão grandes que  
voam tão longe...  
voam tão alto...  
deixando-me, às vezes,  
em sobressalto.

Quantos caminhos  
se abriram  
aos sonhos desta menina...  
E em quantos destes  
pude voar com ela.

Quantos tropeços  
demos juntas,  
outros separadas.

Mas as asas...  
ah! as asas da minha menina  
ficaram intactas.  
Ah! Minha menina,  
quanto tens batido asas  
e quanto tens me levado  
em tuas asas,  
sem esquecer o caminho  
de volta para casa,  
o caminho do amor.

Menina, me rendo.  
És mesmo especial.  
A tua força e coragem  
são meu ideal.

Abril/2004

Data : 30/04/2004  
Título : A vida em quatro estações  
Categoria: Poesia  
Descrição: A natureza As emoções

A natureza  
As emoções

O ser humano  
As canções  
Vivem em quatro estações.

Do lamento  
ao aconchego,  
da chama ardente  
à saudade;  
o tic-tac do tempo  
vibra sem piedade.

Às vezes, no mesmo dia,  
outras em tempos cruzados,  
sente-se o frio,  
a neblina,  
vento forte e  
corpos suados.

Fazer versos tem compasso  
que segue o do coração,  
por isso, o amor,  
que canta  
no inverno,  
outono e verão,  
traz flores  
que desabroçam  
ou que enfeitam  
o chão.

Isto tudo é poesia:  
sonhos, quimeras, vazios;  
corre-corre, dia-a-dia;  
data especial ou rotina;  
derrota, mágoa, ferida;  
frutos de amor incontido  
ou incompreendido,  
às vezes correspondido  
e outras adormecido,  
num caderninho escondido,  
sem tempo, idade ou destino...

Abril/2004

Data : 31/05/2004  
Título : Menina escondida  
Categoria: Poesia

Descrição: Eu tenho uma menina escondida...

Eu tenho uma menina  
escondida...  
quieta, medrosa,  
tímida, manhosa  
ah, que menina amorosa!

Ela gosta de ler, desenhar,  
fazer versos...  
É meiga e arteira  
esta menina dengosa!

Eu tenho uma menina  
saliente...  
metida, safada,  
menina sabida  
muito decidida  
êta, guria atrevida!

Eu tenho uma menina  
tão longe...  
com cachos de anjo,  
que fala outra língua  
e é muito medonha,  
que dança bonito,  
na ponta dos pés,  
derrubando tudo  
pra ir aonde quer!

Essas três meninas...  
tão fora... tão dentro  
da minha memória,  
do meu coração,  
tão longe, tão perto,  
são elas, sou eu...

quanta confusão!

Maio/2004

Data : 31/05/2004

Título : Molecagens

Categoria: Poesia

Descrição: Minha vida é cheia de moleques. Tem moleque em todos os momentos,

Minha vida é cheia de moleques.

Tem moleque em todos os momentos,  
Tem moleque de todas as idades,  
Tem moleque traquino,  
Tem moleque rebelde,  
Tem moleque certinho,  
Tem moleque mocinho,  
Tem moleque amargo,  
E tem até  
doce moleque!

Tem moleque velho,  
    sabido,  
    safado,  
que esconde as travessuras  
de bico calado.

Tem moleque sisudo,  
    sério,  
babando em cima  
de molequinho  
de olho estalando.

Tem moleque brincalhão  
    ansioso,  
    brigão,  
um gordo gurizão.

Tem moleque teimoso,  
    curioso,  
    inquieto  
    ligeiro  
um magrela esperto  
como gato matreiro.

Tem moleque bonito,  
    garboso  
    mimoso,  
um gremista  
bastante perigoso.

Maio/2004

Data : 30/06/2004  
Título : Festival  
Categoria: Poesia  
Descrição: A cidade se enfeita de cores e bandeiras,

A cidade se enfeita  
de cores e bandeiras,  
nas ruas, nas vestes,  
no som, nas palavras  
eles contam histórias  
de todas as partes.

Nunca vistos, desconhecidos,  
ficam próximos, irmãos!

A porteira se abre  
quando o som mais forte  
se faz ouvir.  
É o TUM-TUM  
que bate no peito de todos  
e torna-os apenas UM.

Junho/2004

Data : 30/06/2004  
Título : Pérolas ou ostras?  
Categoria: Poesia  
Descrição: Como definir: meninas franzinas,

Como definir:  
meninas franzinas,  
bonitas, faceiras,  
que num repente  
se envolvem, seduzem,  
são conquistadas e  
levam consigo  
os nossos meninos,  
construindo com eles  
mundo tão seus,  
repleto de sonhos,  
alguns desencantos,  
mas novo pros dois?

O que sentir:  
quando estas meninas  
nos dão de repente  
a essência da vida  
num bebê rosado  
com o mesmo sangue  
que se tem nas veias,  
com caras e bocas,  
pezinhos, orelhas,  
tão delas, tão deles,  
tão nossos, também?

Essas doces meninas  
são pérolas,  
são ostras,  
essências,  
aromas,  
ou são colibris?

Essas amadas meninas  
são flores,  
roseiras,  
cascatas,  
cachoeiras,  
ou parte de estrela  
que num sopro fulgiu  
e em faíscas de luz  
nosso coração possuiu?

Junho/2004

Data : 30/06/2004  
Título : Chuva  
Categoria: Poesia  
Descrição: Água escorre na vidraça.

Água escorre  
na vidraça.  
Chove lá fora.

Água desliza  
na face.

Chove aqui dentro.

Sem interferências,  
sulcando caminhos,  
há pureza e paz  
nestas águas.

Brotam da alma,  
da natureza,  
lavam o mundo,  
levam as mágoas.

Junho/2004

Data : 30/07/2004  
Título : Mistério  
Categoria: Poesia  
Descrição: Ser gente é ser mistério.

Mistério

Ser gente  
é ser mistério.

Corpo forte,  
coração vibrante,  
mente brilhante.  
Num zás...  
Corpo quebrado,  
coração apertado,  
mente confusa.

Ser gente  
é ser mistério.

Anjo luminoso,  
suavidade, ternura,  
mão amiga, doçura.  
Num sopro...  
Dentes cerrados,  
unhas afiadas,  
olhos em “laser”.

Ser gente  
é ser mistério.

Amante sensual,  
mãe extremosa,  
porto seguro.  
Num despertar...  
Guerreira voraz,  
pé firme no chão,  
toma a decisão.

Entre a mente tagarela  
e o coração traiçoeiro,  
a bondade angelical  
e o demônio infernal,  
o lado feminino  
a brigar com o masculino,  
cresce o mistério.

Uma vida só  
será capaz de decifrá-lo?

Da Revista  
Água da Fonte n°5

Data : 31/07/2004  
Título : Cachinhos de sonhos  
Categoria: Poesia  
Descrição: Há muito eu te esperava, pois sabia,

Há muito eu te esperava,  
pois sabia,  
que na melhor hora,  
tu virias.

Quando chegaste,  
através dos sapatinhos abençoados  
pelo nascimento de Jesus,  
coloquei neles a força,  
a luz e a sabedoria,  
para te conduzirem sempre  
pelos melhores caminhos.

Nunca idealizei tua forma,  
mas sentia que serias  
mais um anjo  
a rodear nossas vidas.

Tua tranqüilidade, doçura  
e expressividade  
confirmam isso.

Os cachos...  
Ah! Os adoráveis cachos  
são complementos  
que recebeste de herança  
para angelicamente  
fazer a diferença.

Julho/2004

Data : 30/09/2004  
Título : Qualificar  
Categoria: Poesia  
Descrição: Ler com o coração o olhar;

Ler com o coração  
o olhar;  
dar a cada um  
o que lhe é peculiar;  
vivenciar o verbo  
amar.

Setembro/2004

Data : 30/09/2004  
Título : Quero-quero  
Categoria: Poesia  
Descrição: “Ah, eu quero, quero tanto

“Ah, eu quero,  
quero tanto  
que você me aceite  
do jeito que sou...”

Canta a música e eu

me estranho  
me assusto  
me escondo  
me mostro  
me olho  
me oculto  
frente a esta canção.

Sonhando acordada,  
danço encabulada  
pra você me ver.  
Mas se estou sozinha  
sou despudorada  
e solto meu ser.

Olhando seus olhos  
sou só bênção,  
sou toda certeza,  
mãos no coração,  
quando elas escapam  
quanta solidão!

No centro da roda,  
aconchego... calor.  
No canto da sala,  
sombra... escuridão,  
criança sozinha,  
abandono... temor.

Braços para o alto,  
poder... libertação.  
Braços para baixo,  
derrota... humilhação.  
Mas o corpo cercado  
pelos braços seus:  
toda aceitação.

Setembro/2004

Data : 31/10/2004  
Título : Oferenda

Categoria: Poesia  
Descrição: Vou sair bem cedo. Pés descalços,

Vou sair bem cedo.  
Pés descalços,  
cabelos ao vento,  
canto de pássaros e  
ausência de tempo.  
Vou colher flores.

Preciso encontrar  
um girassol grande,  
amarelo-ouro,  
forte, imponente,  
atento e prepotente  
para ofertar ao  
meu pai  
(primeiro poeta  
que conheci).

Colherei  
um ramalhete perfumado  
das flores mais mimosas,  
mais delicadas,  
mais brejeiras e  
nativas,  
para entregar  
à minha mãe  
(que me embalou  
com versos).

Para minhas irmãs,  
vou trazer dois bouquets,  
um de dalias e almandas,  
entremeadas de miosótis,  
outro de rosas coloridas,  
simples, daquelas que  
“pegam de galho”,  
salpicadas de aspargo  
bem fininho.  
Os dois terão os galhos bem juntinhos  
e amarrados com carinho.

Para minha irmã-anjo,  
sonho com violetas  
de todas as cores,  
as brancas cobrirão suas asas,  
as rosas e lilases formarão farta

almofada para os seus pés  
e os cabelos cacheados  
se confundirão com as matizadas.

Para o meu irmão,  
algo que se pareça  
com salso-chorão  
ou galhos rudes de cipó,  
para que acorde  
o menino adormecido  
e o embale no túnel do tempo.

Para o meu marido,  
ah! preciso achar  
uma corticeira  
muito forte, grande,  
raízes fundas,  
e ir até as pontas  
de seus galhos  
para colher suas flores.  
Se for difícil,  
voltarei várias vezes,  
tantas quantas  
se fizerem necessárias  
para formar um  
feixe farto, vigoroso,  
volumoso, mas...  
salpicado de orvalho.

Para a minha filha,  
não poderia ser diferente:  
vai receber uma braçada  
de flores de Maria-Mole,  
aquelas amarelas,  
de que as abelhas  
tanto gostam  
e que se esparramam  
como relva pelo chão.

Para o meu filho mais velho,  
em vez de flores  
quebrarei espigas de trigo,  
das bem douradas,  
com as sementes bem feitas,  
com a haste bem formada  
e aristas perfiladas,  
promessa de uma mesa farta,  
fruto de suor e confiança.

Para o mais novo,  
flores de cactos,  
de diferentes formas  
imprevisíveis...  
que se abrem lindas  
quando nem esperamos  
e murcham num zás,  
quando novamente a procuramos.

Para minhas noras,  
colherei estrelíztias  
esguias, elegantes,  
altivas, vigilantes,  
que por um bom tempo  
escondem flores tão especiais,  
coloridas e originais,  
lentamente se abrem  
pra se deixar conquistar  
e, sutilmente,  
nos encantar.

Para meus netos,  
quero flores engraçadas  
que despertam histórias  
e canções adormecidas:  
boca-de-leão,brinco-de-princesa,  
margaridas, malmequeres,  
variados amores-perfeitos,  
petúnias, cravos e rosas,  
sempre-vivas, camomilas,  
marcela e rabo-de-gato,  
crista-de-galo, bromélia,  
mosquitinhos e camélia;  
quero flor-de-maracujá,  
copos-de-leite, açucena,  
beijinhos, violetas, dracenas...  
quanta flor terei  
que achar!

Para os meus amigos,  
parentes e afilhados,  
com laços de sangue  
ou agregados,  
vou colher lírios  
ou assemelhados,  
poucos brancos,  
muitos... muitos coloridos,

que combinam  
com seus olhares,  
seus jeitos e seus andares,  
e pra minha amiga-estrela,  
uma orquídea,  
mas das nativas,  
que reina despercebida,  
escondida entre as folhagens.

A vida tem me sido generosa,  
ofertando-me tantas flores,  
tantos perfumes e cores,  
tantos encontros e amores.  
Fico tão embevecida,  
alegre e agradecida  
que quase esqueço de levar  
o jasminzinho cheiroso,  
que alguém espera ganhar.

Outubro/2004

Data : 31/10/2004  
Título : Herança I  
Categoria: Poesia  
Descrição: Herança... legado: Bem acumulado,

Herança... legado:  
Bem acumulado,  
que, contrariado,  
se doa, apegado,  
ou se recebe, magoado.

Tem sempre o gosto  
do outro que lutou,  
se esforçou,  
com amor conquistou  
e, de repente,  
sem tempo de querer,  
ou sem saber...

doou!

Outubro/2004

Data : 31/10/2004  
Título : Herança II  
Categoria: Poesia  
Descrição: Heranças abençoadas são os traços graciosos,

Heranças abençoadas  
são os traços graciosos,  
inteligência, valores,  
habilidades, talentos,  
bons exemplos e louvores.

Heranças que fazem os ímpetos  
que vêm do amor, do sangue,  
e nos fazem expansivos,  
geniosos, reservados  
ou teimosos inveterados;  
explosivos, acomodados,  
igual aos antepassados  
que nem sequer conhecemos.

Saber lidar com a herança  
com respeito no coração  
é reconhecer o pesado  
e abençoar o que é bom,  
mas rugir como uma fera  
quando outro que é de fora  
aponta um traço forte,  
com desdém, reprovação,  
que vem de pai para filho  
desde outra geração.

Outubro/2004

Data : 30/11/2004  
Título : Quatro Estações  
Categoria: Poesia  
Descrição: A natureza, as emoções,

Quatro Estações

DINAIR FERNANDES PIRES

A natureza,  
as emoções,  
o ser humano,  
as canções,  
vivem em QUATRO ESTAÇÕES.

Do lamento ao aconchego;  
Da chama ardente a saudade,  
o tic-tac do tempo,  
vibra sem piedade.

As vezes, no mesmo dia,  
outras em tempos cruzados,  
sente-se o frio, a neblina,  
vento forte e corpos suados.

Fazer versos tem compasso  
que segue o do coração  
Por isso o AMOR que canta  
no inverno, outono e verão,  
traz flores que desabrocham  
ou que enfeitam o chão.

Isto tudo é POESIA:  
Sonhos, quimeras, vazios,  
corre-corre, dia-a-dia,  
data especial ou rotina,  
derrota, mágoa, ferida,  
frutos de amor incontido  
ou de amor incompreendido,  
às vezes correspondido  
e outras adormecido  
num caderninho escondido  
sem tempo, idade ou destino!

Da Revista  
Água da Fonte nº 2

Data : 31/12/2004

Título : Testamento

Categoria: Poesia

Descrição: Da metade que me cabe numa casa, com jardim,

Da metade que me cabe  
duma casa, com jardim,  
pátio e sombra,  
grama verde,  
repleta de bugigangas  
com alguma serventia,  
gostaria que ficasse  
para os três filhos, sem divisa:  
o aconchego da cozinha,  
a privacidade dos quartos  
e da sala de visitas  
o resguardo da intimidade.

Do pátio e do jardim,  
a vivência dos brinquedos,  
brigas, jogos,  
faz-de-conta,  
o vai-e-vem dos balanços,  
o frescor da primavera  
com pés descalços na terra,  
o plantio e o crescimento  
das árvores que nos dão sombra,  
a criança dentro do peito  
sempre traquina e atenta,  
espalhando som e cor  
como o passarinho que canta.

Das bugigangas, sei lá...  
Tem tanta coisa aqui,  
cada qual com sua história.  
Podem levar só a história  
para contar para os seus filhos,  
netos, bisnetos, sobrinhos,  
pois a decoração de um lar  
se faz pelo que vem oculto  
em cada peça de adorno,  
quadro, foto ou miniatura,  
porcelana ou escultura.  
É isso que faz bonito  
o espaço que se ocupa.

Da metade que me cabe  
de um Sítio do Segredo  
gostaria que ficasse  
para os três filhos, sem divisa:  
o amor pela terra  
cultivada com muita garra,  
povoada de árvores, flores e frutos;  
o correr da água pura

que limpa, acalma e harmoniza;  
a perseverança e o trabalho  
de quem põe a alma no que faz.

Agora, meus bens mais caros:  
CD's, livros e fotos.  
Dos CD's, para os três filhos,  
gostaria que ficasse  
a leveza e o encantamento  
da música de qualquer tipo,  
conforme o estado de espírito,  
embala, acalma ou agita,  
mas é arte, é alma,  
é sonho, é vida.

Com os livros tenham cuidado:  
são tesouros os meus preferidos,  
cada qual olhem com calma  
pra sentirem-se atraídos,  
são as palavras contidas,  
jóias raras, legado sem par.  
Hoje talvez não os leiam,  
mas na hora certa,  
os irão buscar.

As fotos... são tantas  
que é difícil destinar,  
valem mais pelos momentos:  
identifiquem os felizes,  
os marcantes,  
os espontâneos;  
separem-nas pelo  
que representem  
na vida de cada um -  
nem sempre na que se aparece  
mais bonito e produzido  
está o maior sentido  
dos caminhos do seu mundo.  
Reflitam sobre o contexto.  
Talvez aquela sem graça  
tenha um conto de desgraça,  
mas trouxe aprendizagem  
e aproximou de pessoas  
que foram portais de passagem.

De posse dessa fortuna,  
mantenham acesa a chama  
da vida, do sonho, da luta,  
do amor pelos seus projetos,

do orgulho por suas conquistas,  
da força para reiniciar  
e da humildade ao errar.

Aí então... façam depois  
seus testamentos  
e passem para seus filhos  
seus bens, suas fortunas,  
com todas suas conquistas.  
Certamente disto aqui  
muita coisa irá conter,  
pois a vida é uma cadeia,  
onde se fortalece a teia  
do que vem da alma  
e é raiz,  
identifica a família,  
eterniza,  
fica a luz!

Dezembro/2004

Data : 31/05/2005  
Título : Chuva de letras  
Categoria: Poesia  
Descrição: Ouvi e li uma estranha previsão:

Ouvi e li  
uma estranha previsão:  
vai chover em Passo Fundo  
e toda a região.

Vem gente de todo lado  
pra curtir a predição,  
pois a chuva é de letras,  
arte, cultura e inclusão;  
vai atingir pobre e rico,  
criança, jovem, adulto,  
provocando inundação  
de letramento e canção,  
fertilizando a mente  
e acordando o coração.

Maior/2005

Data : 31/07/2005

Título : Laços de sangue

Categoria: Poesia

Descrição: Num instante: as respirações,

Num instante:  
as respirações,  
os corpos,  
os corações  
se enlaçam.

A nacionalidade,  
a linguagem,  
os costumes  
desaparecem.

Como caracóis,  
num encaixe perfeito,  
nos encontramos.  
A alma suspira,  
a pele arrepia,  
dedos pequenos  
enrolam meus cabelos.

Some a distância,  
a ausência,  
prevalece a presença,  
a essência.

Julho/2005

Data : 31/03/2006

Título : Ficar... partir... voltar...

Categoria: Poesia

Descrição: Cada estação, com seu amor: a primavera a sonhar,

Cada estação, com seu amor:  
a primavera a sonhar,  
o verão a realizar,  
o outono a colher e  
o inverno... aconchegar.

Mas, que difícil!  
ter que aprender a desapegar,  
dar adeus, deixar ficar  
tudo que se quis guardar  
e foi difícil conquistar,  
entregar-se ao desconhecido  
e apagar o sabido.

Viajar sem poder voltar  
e o ninho, desmanchar!

Vale isso para a vida?  
Vale isso para o amor?  
Vale pra o que foi perdido?  
Para a alegria e a dor?

Vale pra o analfabeto?  
pra o letrado?  
pra o doutor?  
Vale pra todo mundo?  
Vale também para o amor?

Mais fácil por certo seria  
dar uma volta e  
iniciar de novo a primavera  
que, ansiosa, aguarda o verão,  
que prepara os frutos a colher  
e em comunhão saborear.

Partir... mas para voltar  
e de novo  
recomeçar...

Março/2006

Data : 31/05/2006  
Título : Ser ou não ser  
Categoria: Poesia  
Descrição: Em fração de segundos imperceptíveis,

Em fração de segundos  
imperceptíveis,  
imensuráveis,  
incontroláveis,

irreversíveis,  
encontra-se:

O ser e o não ser,  
o ciente e o inconsciente,  
a vida e a morte.

Maio/2006

Data : 30/06/2006  
Título : Tributo à infância  
Categoria: Poesia  
Descrição: Tenho fé na criança amada, afagada,

Tenho fé na criança  
amada, afagada,  
fortalecida pela compreensão  
e rodeada de incentivo.

Esta criança  
é a que ensina  
os mais velhos  
a se conservarem  
puros, leais  
e sonhadores.

É a que mantém  
a brasa da esperança  
acesa e dá sentido  
aos projetos mais  
simples ou ousados.

É a que embala  
o coração dos  
que não perderam  
a sensibilidade  
e silenciosamente  
serve de alerta  
aos que não  
têm tempo de parar,  
olhar e escutar.

A esta criança que  
sempre é artista

basta descobri-la,  
prestar atenção,  
fornecer-lhe combustível,  
eu presto uma homenagem  
especial na figura  
de uma...

Menina,  
Inteligente,  
Carinhosa,  
Atenta,  
Estudiosa,  
Linda,  
Amorosa,

pequena poetisa  
que me incentiva  
lendo meus versos  
e me ensina  
partilhando os seus.

Data : 30/06/2006  
Título : Tributo à amizade  
Categoria: Poesia  
Descrição: Eu tenho uma amiga A minha amiga é

Eu tenho uma amiga

A minha amiga é

ESTRELA!

Crescemos, estudamos,  
choramos, dançamos,  
namoramos, sonhamos,  
escrevemos, desenhamos  
juntas!

Curtimos a irreverência  
e a mudança  
dos anos 60  
com a cumplicidade  
e a ousadia  
de jovens rebeldes  
que ajudaram  
a fazer uma história diferente.

Minha amiga  
sempre teve  
brilho próprio,  
por isso sempre foi

ESTRELA!

Bonita, inteligente,  
corajosa, sofrida,  
decidida, lutadora..  
carinhosa, manhosa!

Ela é especial...  
Cimo um cometa  
rastreia de luz  
os lugares onde passa  
e como uma fada  
aparece e desaparece  
no momento certo!  
Entre outras amigas da alma  
é ela que trago aqui  
porque sua missão  
é especial  
em minha vida:  
                  faz-me conhecer  
o segredo de  
uma amizade eterna!

Como um tributo ao que somos,  
reverencio através dela  
as minhas frandes  
e eternas amizades.  
E pelo desejo que sempre teve  
de compilar seus escritos,  
trago retalhos de suas cartas...

Saudades... em forma de palavras!

Data : 30/06/2006  
Título :       Fluidez e fuga  
Categoria:    Poesia  
Descrição:    Quero aprender a “deixar-me ir”,

Quero aprender  
a “deixar-me ir”,

como uma folha  
sobre a correnteza  
de um rio  
sem resistências,  
sem controles,  
sem objeções,  
ao que a existência  
planejou pra mim.

Quero aprender  
que “controlar”  
emoções, ações,  
situações, decisões,  
certas ou erradas,  
próprias ou dos outros,  
não é atribuição  
do ser humano.

Quero aprender  
a “abrir mão”  
de apegos vãos,  
condicionamentos,  
hábitos, cobranças,  
sem razão e estressantes,  
obrigações entediantes.

Fluir... numa fluidez  
cada vez mais leve,  
livre e solta!

Quero “correr atrás” de  
gargalhadas esquecidas,  
ruas não percorridas,  
cidades desconhecidas,  
abraços não dados,  
estranhos calados,  
“primeiras-vezes”  
de coisas não vividas.

Quero “abrir alas”  
à voz do coração,  
ao comando da intuição,  
à lágrima contida,  
à fragilidade mascarada,  
à ociosidade resistida,  
à simulação forjada,  
à concordância fingida.

Quero “tomar posse”

do ar puro,  
do tempo livre,  
do andar sem pressa,  
dos ouvidos surdos,  
do compromisso comigo,  
do fazer porque gosto,  
do negar sem culpas.

Fugir... numa fuga  
breve, sutil,  
com volta!

Junho/2006

Data : 30/06/2006  
Título : PRIMAVERA  
Categoria: Poesia  
Descrição: Flores... amores Sonhos multicores

Flores... amores  
Sonhos multicores  
Riso brejeiro  
Passos afoitos, faceiros  
Coração na boca  
Palavras... loucas  
e não poucas..

Data : 30/06/2006  
Título : VERÃO  
Categoria: Poesia  
Descrição: O peito em compasso de luta, combate

O peito em compasso  
de luta, combate  
O sangue tem pressa  
num corpo suado  
O amor incendeia  
num tempo que arde.

Data : 30/06/2006  
Título : OUTONO  
Categoria: Poesia  
Descrição: É a colheita madura, suspirada e temperada

É a colheita madura,  
suspirada e temperada  
para o gosto apurado  
do que foi cultivado  
sem pressa buscando...  
momentos roubados.

Data : 30/06/2006  
Título : INVERNO  
Categoria: Poesia  
Descrição: É aconchego, neblina Volta pra casa,

É aconchego, neblina  
Volta pra casa,  
Pro ninho,  
Pra dentro  
Desapego  
Despedida  
Transformação.

Data : 12/09/2007  
Título : DUALIDADE  
Categoria: Poesia  
Descrição: Meu TODO tem DUAS PARTES

### DUALIDADE

Meu TODO tem duas partes...

Uma delas povoada,  
cheia de gente,  
repleta de sons,

perfumes,  
poeiras,  
estradas.  
Caminhadas sem fim e,  
curtas jornadas.

Outra parte...é solitude ,  
que engraçado!  
A solitude é mais doméstica,  
aconchegante,  
repousante,  
recatada,  
em um confortável canto:  
fechada.

Preciso tomar cuidado:  
uma pode tornar-se estressante,  
a outra...entediante!

Dinair Fernandes Pires  
12/09/2007

(inspirado no texto:TRADUZIR-SE de Ferreira Gullar)

## DUALIDADE

Data : 30/09/2007  
Título : Pedra da gratidão  
Categoria: Poesia  
Descrição: Rolando em um chão no meu rincão

Rolando em um chão  
no meu rincão  
Alguém te avistou  
te recolheu.  
Uma mão se estendeu  
pelo comando do coração  
e da emoção.  
Por que esta, não outra?  
Por que pra mim, não pra você?  
Por que foste escolhida,  
tão rude e sem brilho?  
Teu destino poderia ter sido  
uma sarjeta qualquer

cheia de chutes e enxurradas...  
Teu destino poderia ter sido  
uma bela esmagada  
pelo peso insuportável  
de uma grande máquina.  
Mas alguém te avistou,  
te recolheu  
pelo comando do coração  
e da emoção.  
Aqui estás  
decorando minha escrivadinha,  
A mais bela  
entre tantos objetos  
pela tua essência  
pela tua mensagem  
pela tua viagem.  
Ficarás comigo a lembrar-me sempre:  
raízes, gestos e história  
nunca se vão,  
e assim há de ser  
a gratidão!

Setembro de 2007

Data : 30/09/2007

Título : Irmã – Anjo

Categoria: Crônicas

Descrição: Uma foto é a única lembrança palpável que tenho de ti: palpável e comunicável. É o documento que prova tua presença, tua existência, tua inocência.

Uma foto é a única lembrança palpável que tenho de ti: palpável e comunicável. É o documento que prova tua presença, tua existência, tua inocência. É a candura entre as flores, a parte do quebra-cabeças que completa a família, a primeira, a mais velha, a intocável. Aquela que alimenta a imaginação dos meus irmãos que não te viram, escureceu por anos o coração da minha mãe e levou embora, por um bom tempo, o sorriso do meu pai.

Para mim, tua imagem não é esta, apenas é referência. Tua imagem é de menina bem maior, sorrindo, cabelos mais longos, cacheados, me convidando para brincar. Da última vez a lua era cheia, a noite, clara, e tu me seduzindo a pular a janela e correr contigo. Que pena não poder segurar-te, mas que graça poder gravar na minha alma este último encontro concreto. Por isso tenho a certeza de que és um anjo que vive junto a mim. Aquela noite não fui, mas tu ficaste para sempre comigo.

Setembro de 2007

Data : 30/11/2007

Título : Março de 64 (Um outro lado...)

Categoria: Poesia

Descrição: Homem forte... fardado... sério... preocupado...

Homem forte... fardado...  
sério... preocupado...  
Nem do alto escalão, mas também  
não anônimo no batalhão.  
Um militar experiente,  
longo caminho no exército,  
comprovada e reconhecida liderança.  
Calado... sério...  
preocupado... fardado...  
por alguns dias, aquartelado!  
Comentários? Nenhum.  
Notícias desconstruídas e sussurradas.  
Esposa angustiada,  
pequenos alienados e  
da adolescente rebelde, o grito:  
“Foge para o Uruguai!”.  
Até então muito prosa,  
ela pensava, como outros jovens,  
poder mudar a pátria, a sociedade, a miséria.  
Liberdade de voz...  
utopia!  
Agora, ali, frente ao pai  
e a voz da revolução:  
o medo, a insegurança e  
o desejo de preservação de seu herói  
falaram mais alto.  
Herói?!  
Que não sabia  
o que os grandes faziam.  
Que, por disciplina,  
por princípios,  
por lealdade,  
por coerência consigo mesmo,  
calmamente retornava  
a obedecer o coronel,  
sem sequer saber a verdade,  
mesmo dentro de um quartel.

Novembro de 2007

Data : 31/03/2008  
Título : Pandorgas  
Categoria: Poesia  
Descrição: De repente... aquele homem rude

De repente...  
aquele homem rude  
forte, grande e exigente  
torna-se menino  
e num banquinho  
rude e forte como ele  
encolhe-se... fica pequeno  
brinca com cores  
taquaras e fios...  
Movimentos bruscos  
ficam leves  
Suas mãos pesadas  
tornam-se hábeis, artísticas  
e dançam  
sobre o papel de seda  
sob o olhar ansioso  
iluminado e curioso  
de seus pequenos...  
Pouco a pouco  
os marimbondos  
as bombas  
vão tomando forma  
diminuindo o peso  
mostrando desenhos inesperados  
com simbologias  
que nunca se repetem.  
Isso é sempre  
numa quinta-feira santa  
à tardinha... o sol se pondo  
a alegria surgindo...  
que fará da noite  
uma espera incontida  
e mal dormida  
torcendo  
para que a chuva não venha.  
No outro dia:  
A FESTA!!!  
Adaptação do barbante  
tamanho da cola  
sintonia dos tirantes  
gritaria:  
—Sobe a minha ...  
— Puxa a dele...  
— Segura para não escapar...

— Olhe... está cabeceando...  
— A outra... coleando...  
E o céu de minha terra  
se enche de flores  
para saudar a Jesus  
da forma mais bela:  
acordando a criança  
que dorme  
em cada PAI  
em cada AVÔ  
que preserva uma cultura centenária e imortal.

Março de 2008

Data : 31/10/2008  
Título : Nudez  
Categoria: Poesia  
Descrição: Os pés com meias e calçados traje alinhado, tudo combinado.

Os pés com meias e calçados  
traje alinhado, tudo combinado.  
Pulseiras, relógio, brincos  
escolhidos com cuidado.  
Eu na rua... nua!  
O galo da cabeça será que cantaria?  
Qual ritmo, qual melodia?  
Acho que o toque de tambor de guerra, que ouvi contar,  
mas nunca pensei que marcharia.  
A marcha no meu coração  
acelerado, descontrolado.  
O ritmo na minha cabeça  
zumbindo atordoado.  
Num zás, um cano de revólver no meu corpo.  
O grito de despejo,  
o medo,  
o impulso de revidar,  
a necessidade de calar,  
a vontade de gritar,  
o nó na garganta,  
o choro contido,  
a incompreensão.  
Só sei resolver impasses pelo diálogo, especialmente com estranhos.  
E... que estranhos?!  
Uma súplica:  
— Deixa a bolsa, a pasta da escola, as provas dos alunos...  
— Vaza, que te apago!

— Estou de cinto!  
— Dá o fora.  
Assim minha nudez se completou na rua.  
Estava sem lenço, sem documento,  
assustada e trêmula  
como um passarinho implume caído de uma árvore em pleno  
temporal.  
O carro? Não liguei.  
Era meu, todo pago.  
Pouco sei andar sem ele.  
Perdeu-se na noite  
e eu nem me importei.  
Mas... o que restou comigo  
que prova que eu sou eu?  
Minha fala, que diz, mas não comprova?  
Que se embarga  
pela invasão dos outros  
e parece não ser leal?  
Explicações para a polícia,  
tão rotineiras que nem suscitam  
olho no olho,  
franzir de sobrolho  
ou surpresa qualquer?  
Algumas coisas grandes/pequenas  
fazem todo o vazio:  
catálogo de endereços no celular com nomes tão especiais,  
recadinhos e lembretes  
pra quem podem interessar?  
As fotos recém-tiradas,  
documentários de fatos,  
com carinho enquadradas  
em poses originais?  
As palestras preparadas,  
resumos, aulas gravadas  
em pendrives pequeninos  
com valor só de saber  
pra quem poderão servir?  
O poema da minha neta  
tão lindo, recém-ganhado,  
como cartinha deixado  
de surpresa para mim?  
Documentos, cartões, cheques,  
carteiras com fotos amadas.  
Uma vida devassada  
por mãos que eu jamais vi  
sem respeito ao que vivi  
na força, no grito, no soco  
é estupro... é tortura...  
que leva sem tirar a roupa  
à nudez, à impotência

fragilidade e violência.  
Produz cansaço  
necessidade de abraço,  
medo de dormir sozinha  
súplica por vigilância  
por colinho e aconchego.  
A criança acorda de novo,  
e a música reprisa:  
“Quem é que nunca teve medo ...  
mesmo que seja segredo...?”

Outubro de 2008

Data : 31/10/2008

Título : Lili Marlene

Categoria: Crônicas

Descrição: Uma novidade: boneca que caminhava e virava a cabeça para um lado e para o outro.

Uma novidade: boneca que caminhava e virava a cabeça para um lado e para o outro. Antes, só conhecia boneca de pano, de louça ou de plástico rijo, que abria e fechava os olhos com lindos cílios. Uma dessas foi ofertada à irmã do meio, no sapato da janela numa noite de Natal. A minha era mais sofisticada, feita de material muito fofo, gostoso de apertar, cintura e pernas moldáveis. Possuía também cabelos cacheados. Meu pai deve ter escolhido pela idade. A Lili Marlene, minha boneca, tinha ares de mocinha, usando saia xadrez e carregando no braço uma maleta com bobes e um pente. A irmã menor ganhou uma boneca que chorava quando a gente a virava de bruços. O segredo era um pequeno fole que ela tinha na barriga, por onde o choro era produzido ao mudá-la de posição. O meu irmão ganhou um caminhão. Tudo nos sapatos que cuidadosamente colocávamos, juntinhos, à espera dos presentes. Para a época e nosso poder aquisitivo, acredito que o esforço tenha sido muito grande para nos ofertar esses brinquedos.

Noutro Natal, o Papai Noel foi nos visitar, coisa rara naquele tempo. Meu pai sempre “andou na frente”. Muito equilibrado economicamente, fazia malabarismos para nos proporcionar essas surpresas. Queria nos encantar. Dessa vez, a Nadia ganhou a Rosane, a Dinamar ganhou a Rosinha, e o Guaraci, um inovador revólver de espoletas.

Hoje, me lembro com saudade e carinho desses brinquedos, mas inesquecível mesmo é a alegria escondida e contida que movia o meu pai. Na sua severidade e aparência dura, não passava de uma manteiga derretida e vibrava muito mais que todos nós juntos. Só agora entendo... era a criança escondida dele que se soltava através de nós, mesmo que ele a sufocasse. Um pouco dessa criança brinca, canta e dança comigo e com a minha criança interior.

Outubro de 2008

Data : 20/11/2008  
Título : Para onde vou?  
Categoria: Poesia  
Descrição: Para onde vou? O que trago na bagagem?

Para onde vou?  
O que trago na bagagem?  
Tem algo a procurar,  
ou quem sabe descartar?

Para onde vou?  
Minha razão está segura?  
Meu coração sem censura,  
com vontade de acertar?

Data : 20/11/2008  
Título : Onde acaba o mar e começa o céu?  
Categoria: Poesia  
Descrição: Onde acaba o mar e começa o céu? O que existe na tênue linha do horizonte?

Onde acaba o mar e começa o céu?  
O que existe na tênue linha do horizonte?

Dentro de nós há algo semelhante?  
- Qual a cor?  
- Qual o sabor?  
- Qual o recado?

Data : 20/11/2008  
Título : Mais uma travessia  
Categoria: Poesia  
Descrição: Mais uma travessia: incerta, indeterminada, vazia,

Mais uma travessia:  
incerta, indeterminada, vazia,  
apenas... travessia!  
O que surgirá?  
Uma única certeza:

Há luz no avanço.

Data : 20/11/2008

Título : Meus pés transitam por trilhas misteriosas

Categoria: Poesia

Descrição: “Meus pés transitam por trilhas misteriosas e transbordantes de histórias que eu próprio

“Meus pés transitam por trilhas misteriosas e transbordantes de histórias que eu próprio desconheço, mas as marcas deixadas influenciam atos, afetos e decisões”.

“Meus pés descalços deixam marcas na areia enfeitando-a, mas que sobrevivem pouco tempo”.

Data : 20/11/2008

Título : colo de mãe?

Categoria: Poesia

Descrição: colo de mãe? Um lugar, um som, um perfume,

Existirá algo que se pareça com  
colo de mãe?

Um lugar, um som, um perfume,  
um sopro...

Uma prece, um olhar, um sabor,  
um calor...

Uma flor, um pássaro, um luar,  
um cantar...?

Data : 20/11/2008

Título : Água lava poeira, sujeira

Categoria: Poesia

Descrição: Água lava poeira, sujeira, restos deixados na lixeira.

Água lava poeira, sujeira,  
restos deixados na lixeira.

Água leva resíduos de mágoa,  
unge ferida em coração partido.

Água refaz a energia, a força, a vida e...  
faz nascer a poesia.

Data : 20/11/2008

Título : Existe frio

Categoria: Poesia

Descrição: Existe frio e vazio?

Existe frio  
e vazio?

Eles estão dentro  
ou fora de nós?

Como aquecê-los  
ou preenche-los?

A solidão é fria e vazia?

E a solidude...?

Data : 20/11/2008

Título : Minha terra é o ar que respiro

Categoria: Poesia

Descrição: Minha terra é o ar que respiro, o chão onde piso,

Minha terra é o ar que respiro,  
o chão onde piso,  
o lugar que nasci,  
ou onde vivo?

Minha terra é o trote do cavalo,  
o pampa, o morro,  
a praia, o cerrado,  
o trator, o arado,  
O povo na miséria,

ou o corrupto abastado?

Sei apenas que é a casa pra voltar, pra ficar, pra  
nascer, pra morrer... um eterno cordão umbilical!  
E a sua terra???

Data : 20/11/2008

Título : Flores...

Categoria: Poesia

Descrição: Flores... Para confirmar amores,

Flores...

Para confirmar amores,  
para expressar louvores,  
para celebrar vitórias,  
para marcar um adeus?

Flores...

De mil “cores”,  
de belezas infinitas,  
de formas indefinidas,  
de perfumes sem igual?

És obra de qual artista?  
Teu quadro é original?

Data : 20/11/2008

Título : Qual foi a última vez que você

Categoria: Poesia

Descrição: Qual foi a última vez que você: -tomou banho numa cascata?

Qual foi a última vez que você:

-tomou banho numa cascata?

-contemplou um pôr de sol?

-deixou-se embalar na maré da respiração?

-deitou livremente sobre a grama?

-parou para observar uma árvore florida?

-brincou com os desenhos das nuvens?

-encantou-se com um arco-íris?

-dançou livre, leve e solto?

Data : 20/11/2008  
Título : Cores  
Categoria: Poesia  
Descrição: Cores chamas

Cores  
chamas  
luzes  
oferenda

Calor na solidão,  
Brilho na escuridão,  
Lembrança de vivência.  
Presença na ausência!

Data : 20/11/2008  
Título : Sábio quem colocou os anos  
Categoria: Poesia  
Descrição: Sábio quem colocou os anos, os meses,

Sábio quem colocou os anos,  
os meses,  
os dias... num calendário,  
com isso criou um espaço para  
o balanço e o replanejamento da vida,  
acordando a esperança e renovando a energia,

Que a fé esteja conosco  
nesses momentos!!!

Data : 07/05/2009  
Título : Colo de mãe  
Categoria: Poesia  
Descrição: Tenho procurado muito algo que se pareça

## Colo de mãe

Tenho procurado muito  
algo que se pareça  
a colo de mãe:  
um lugar  
um momento  
um perfume  
um som  
um conforto  
um sopro  
... nada!

Tenho tentado  
na prece  
no canto  
no beijo  
no olhar  
no sabor  
no saber  
... nada!

Tenho buscado  
na brisa  
na flor  
no pássaro  
no calor  
no sol  
no luar  
... nada!

O colo de mãe  
está guardado  
na saudade,  
duma orfandade  
inconformada  
que não tem idade.

Data : 30/09/2009

Título : Eu... Passarinho

Categoria: Poesia

Descrição: Se eu não fosse eu e noutra reino vivesse

Se eu não fosse eu  
e noutra reino vivesse  
gostaria de ser um passarinho.  
Com plumagem leve  
voar sem limites  
tendo o céu por moldura,  
o chão como apoio  
e o ninho...  
Ah! O ninho para repouso.  
Construir casas  
em árvores frondosas  
resistentes ao vento,  
de folhas perenes, fechadas,  
resguardada da chuva  
ou da insolação.  
Acasalar  
e acolher muitos ovos.  
Povoar de cantos, gorjeios ou pios  
matos, pátios, casas e jardins.  
Dar vida  
a um bando forte,  
sincronizado,  
solidário,  
desbravador  
e... terno!

Setembro de 2009

Data : 30/09/2009

Título : Transparência

Categoria: Crônicas

Descrição: A taça do brinde continua a mesma. Partida em incontáveis pedaços, ainda consegue conter o vinho ou o espumante que às vezes escorre disfarçadamente umedecendo as mãos.

A taça do brinde continua a mesma. Partida em incontáveis pedaços, ainda consegue conter o vinho ou o espumante que às vezes escorre disfarçadamente umedecendo as mãos. Talvez o líquido venha dos olhos ou da alma, também partida. Todas as rachaduras foram feitas em momentos diferentes. Um tropeço, um deslize, um gesto grotesco, um som alterado, uma batida descontrolada, uma pisada forte ou em falso, enfim, o mosaico vai tomando forma. Em alguns encaixes, a cola usada para restaurar é quase invisível, noutros fica “mal feito”, “desalinhado”, “imperfeição a olhos vistos”.

Pela importância da história que guarda, conserva-se a taça, embora embaçada, menos bela, prejudicando o êxtase e o enlevo anteriores. O desgaste vai tomando conta.

Já não se vê com clareza o que contém. Perde a transparência. Em alguns pontos faltam pedacinhos do cristal, irrecuperáveis... insubstituíveis.

Para que juntar cacos com a intenção de preservar histórias, valores, sentimentos?

Tudo fica muito transparente: o que foi sempre será...

Setembro de 2009

Data : 18/10/2009

Título : Ninho vazio

Categoria: Poesia

Descrição: Ficaram... os dentinhos, os sapatinhos, a roupa do batismo,

Ninho vazio

Ficaram...

os dentinhos,  
os sapatinhos,  
a roupa do batismo,  
os primeiros trabalhinhos,  
as fotos, o prato,

o copinho,  
e guardados pequeninos  
cheios de causos traquinos.

Ficaram...

os espaços amplos,  
os armários vazios,  
o eco do meu próprio  
suspiro fundo  
que lhes chama  
surdamente  
escondido  
para não ser visto  
nem ouvido.

Ficaram...

como oração diária  
o repetir da frase:  
“são filhos e filhas  
da vida por si mesma”  
e o coração sábio,  
compassadamente,  
acompanhando  
a adulez de  
cada um  
na luta diária

pela maturidade e  
autonomia.

Do Livro  
Coletânea de Poemas 2011

Data : 18/10/2009  
Título : Sincronia  
Categoria: Poesia  
Descrição: A dança da vida é sincronizada. Mesmo sem ser percebida,

Sincronia

A dança da vida  
é sincronizada.  
Mesmo sem ser percebida,  
às vezes não refletida,  
nem, por certo, observada,  
ela é harmonizada.

Nada acontece por acaso.  
Mesmo que não se compreenda,  
o tempo mostra o sentido  
se buscarmos explicação,  
entenderemos a conexão  
entre o riso e o gemido.

Por isso a maturidade  
é palavra sem idade,  
pra mim é o momento exato  
quando se entendem os fatos  
e a roda da vida fecha  
o que abriu sem ser notado.

Do Livro  
Coletânea de Poemas 2011

Data : 18/10/2009  
Título : Flertar  
Categoria: Poesia

Descrição: Flertar... é namorar pelo olhar;

Flertar

Flertar...  
é namorar pelo olhar;  
é, olho no olho,  
buscar o coração do outro  
conquistar  
e... sutilmente,  
na sua alma penetrar.  
Ah! É muito mais gostoso  
que ficar!

Do Livro  
Coletânea de Poemas 2011

Data : 18/10/2009  
Título : Portais  
Categoria: Poesia  
Descrição: Como o sol que surge entre a neblina,

PORTAIS

Como o sol que surge  
entre a neblina,

ou na noite fechada  
uma estrela que brilha;

aparecem os portais.  
Quem são?  
De onde vêm?  
Como sabem o que  
sentimos?

Por que falam  
o que necessitamos ouvir?

Enigma...

Surgem sem ser previstos,  
nem buscados,  
ou anunciados.

Como anjos,  
a vida os coloca  
no nosso caminho:

Abençoados,  
Iluminados,  
Divinos.

Do Livro  
Coletânea de Poemas 2011

Data : 30/11/2009  
Título : Momentos  
Categoria: Poesia  
Descrição: A vida é feita de momentos... sombrios,

A vida é feita de momentos...  
sombrios,  
coloridos,  
em preto e branco.  
Saborosos,  
amargos,  
insossos.  
Agitados,  
tumultuados,  
serenos.  
Momentos que se sucedem...  
conscientes ou inconscientes,  
fazem a nossa história e  
interferem na história dos  
outros.  
Em cada momento, o sinal constante  
de um sopro divino  
de um plano maior,  
na sutileza de alguém  
sob forma de olhar,  
de toque,  
de gesto,  
de palavra,  
de ação.  
Em cada presença, a IMORTALIDADE  
em nossas vidas  
e o retorno certo

sob forma de alento,  
de aconchego,  
de aprendizagem,  
de carinho,  
para horas de frio,  
de solidão,  
de indecisão,  
de fragilidade.

Momentos de amor serão:

cobertor para o frio  
rede para o embalo  
âncora para o descanso  
braço para o aconchego  
Serão mel para o fel  
flor para o dissabor  
moradia para o sonho  
pousada para a gratidão  
Serão estímulo no desânimo  
fé na descrença  
luz na escuridão  
companhia na solidão  
Serão, sobretudo, brisa que me conduzirá com confiança e leveza...  
terra que fortalecerá meus passos e abrirá caminhos...  
água corrente que levará enganos e desacertos...  
fogo que reacenderá e aquecerá outra vez a caminhada.

Novembro de 2009

Data : 05/07/2010

Título : Acordar

Categoria: Poesia

Descrição: Acordar é dar cor...

Acordar  
Acordar  
é dar cor...

ao dia,  
à noite,  
à cortina e  
à paisagem  
que se descortina  
quando a janela  
se abre.

Acordar  
é dar cor...

ao relógio apressado  
ao marido calado  
ao café preto recém passado  
ao calçado desbotado.

Acordar  
é dar cor...

ao trabalho que espera  
com desafios e projetos  
frustrados ou consumados  
mas sempre abençoados.

Acordar  
é dar cor...

ao colega  
esforçado, estressado,  
iluminado, desanimado,  
apaixonado ou entediado.

Acordar  
é dar cor...

ao aluno  
confiante, descrente,  
distante, presente,  
amado ou carente.

Acordar  
é dar cor...

à voz dos filhos  
firme, apressada,  
insegura, desanimada,  
contente ou desencantada.

Acordar  
é dar cor...

aos netos  
brilhantes, inteligentes,  
saltitantes, lindos,  
energizantes,  
distantes,  
presentes.

Acordar  
é dar cor...

ao desconhecido  
intrometido,  
ao vento forte,  
ao orvalho molhado,  
ao extrato de conta  
com limite ultrapassado,  
ao menino de rua  
tão ignorado.

Acordar  
é dar cor...

à noite que chega  
sem rodeios,  
com nuvens  
ou estrelas,  
lua cheia  
ou céu escuro,  
com medos,  
incertezas  
ou prazeres.

Acordar  
é dar cor...

ao dormir  
e cobrir a dor  
com arco-íris,  
com sonhos,  
com fé,  
com aconchego,  
com entrega,  
com sossego!

Do Livro  
Coletânea de Poemas 2011

Data : 25/08/2010  
Título : ANDARILHA  
Categoria: Poesia  
Descrição: Sou uma andarilha...que vai...

## ANDARILHA

Sou uma andarilha  
que avança no tempo  
entre água e fogo,  
    luz e sombra,  
    vento e chuva,  
mas sempre em busca do sol.

Sou uma andarilha  
que aprende a cada dia  
    o valor da simplicidade,  
    a força da humildade,  
    da gratidão e da paciência.

Sou uma andarilha  
que tropeça em pedras,  
mas cai em braços amigos,  
colos acalentadores,  
ombros fortes e reconfortantes.

Sou uma andarilha  
que, a cada manhã,  
    agradece, abençoa e vai...

Dinair Fernandes Pires  
25/08/2010

Data : 30/09/2010  
Título :        comPAIXÃO  
Categoria:     Poesia  
Descrição:     Hoje tem gosto de comPAIXÃO...

### ComPAIXÃO

Troca de olhares,  
expressão de luz.  
Algumas palavras ,  
entre sussurros, afagos.  
Mãos entrelaçadas,  
tímidos abraços.  
Beijos encabulados,  
toques mais ousados.  
Passos apressados  
pra ver o amado.

Coração batendo forte  
descompassado.  
Respiração ofegante,  
corpo escaldante.  
É brasa, é fogo,  
jogo dos amantes.

comPAIXÃO fomos um  
perdemos a razão,  
mandou só o coração.  
Rolamos no colchão,  
acabamos no chão!

O amor tomou forma,  
ganhou espaço,  
deitou raízes,  
instalou-se na alma.

Hoje tem gosto de COMPAIXÃO  
feita com zelo,  
    com cuidado,  
    com desapego,  
    acarinhado.  
Repleta de doação,  
    de generosidade,  
    de companheirismo,  
    de atenção.  
Nosso amor necessitava disso,  
pra ser completo,  
pra fechar o círculo  
da construção.  
Embora pela dor,  
a fé e a esperança  
continuam acesas,  
abençoando a nossa união.

Dinair Fernandes Pires

Setembro de 2010

Data : 31/10/2010

Título : Sapato de princesa

Categoria: Poesia

Descrição: Branco, bico fino só faltava ser de cristal

Branco, bico fino  
só faltava ser de cristal

o sapato do Natal.  
Mas fazer o que  
se o pé era maior?  
Encolher, espremer, dobrar  
e dentro dele  
dar um jeito  
de o pé enfiar?  
Era um por ano, nada mais...  
Cansada do algodão  
que preenchia o número  
até chegar no ano que vem  
resolvi transgredir...  
Comprar o sapato de princesa  
nem que fosse para explodir...  
Explodir o quê?  
O pé, certamente,  
que não poderia ser cortado,  
mas acabou com o calcanhar machucado, sangrando  
como os da irmã da cinderela.  
Não foi pelo príncipe,  
mas pelo sonho  
de ter um sapato de princesa  
parecido com os da realeza.  
O sangue é pequeno  
quando o sonho é grande.  
Eis a certeza!

Outubro de 2010

Data : 31/05/2011

Título : Cachimbando

Categoria: Poesia

Descrição: ("O uso do cachimbo deixa a boca torta". Sabedoria popular)

Cachimbandando

("O uso do cachimbo deixa a boca torta". Sabedoria popular)

O cachimbo...

Ah! O cachimbo...

Começa por prazer.

tragada a tragada.

ajeita daqui.

ajeita dali.

assim...é mais cômodo.

dá mais prazer;  
d'outro jeito.incomoda.  
parece deslocado.  
Mas continuo...  
Forma vinco, cacoete.  
a mão automatiza,  
o cheiro fica gostoso...  
Faz horários, rotinas.  
faz falta, alucina!  
Cachimbando... cachimbando...  
Ávida fica mais leve.  
embora com marcas  
não tanto saudáveis.  
Sem sua presença.como seria?  
O medo da doença,  
a contraponto  
da ausência.  
A sedução do aconchego,  
contrapontando  
o apego.  
O tempo... a história...o cansaço...  
busca no cachimbo...  
O ABRAÇO!

Da Revista  
Água da Fonte  
31/05/2011

Data : 31/05/2011  
Título : Vazio perturbador  
Categoria: Poesia  
Descrição: Não é solidão, é busca.

Vazio perturbador

Não é solidão,  
é busca.  
Não é frustração,  
é reforço.  
Não é acomodação,  
é caminho.

Não é ausência de metas.  
é renovação.  
Não é abandono de luta.

é energização.  
Não é acatar o injusto,  
é reivindicação.

Não é concordar com todos os textos,  
é apresentar outros contextos.  
Não é calar nem se acomodar,  
é debater para inovar.  
Não é fugir e simplificar,  
é marcar presença e se importar.

VAZIO PERTURBADOR...é o que nos faz sempre andar  
É nunca ESTACIONAR!

Da Revista  
Água da Fonte  
31/05/2011

Data : 31/05/2011  
Título : Trilogia do rio  
Categoria: Poesia  
Descrição: Navegar... Seguir,

Trilogia do rio

Navegar...  
Seguir,  
voltar  
ou encalhar?  
A decisão é pessoal.

Mergulhar...  
Com arrojo  
ou fluidez?  
O resultado pode ser:  
prazer, loucura ou  
insensatez.

Voltar ao leito...  
Correr mansamente,  
distanciar,  
viajar,  
ou devanear?

Um baralho forte

me despeita!  
Retomo,  
acordo...  
Bate a porta.

(Após reflexão do texto "NAVECUE", de Fernando Pessoa.)

Da Revista  
Água da Fonte  
31/05/2011

Data : 31/05/2011  
Título : CHUVA  
Categoria: Poesia  
Descrição: CHUVA FORTE, CHUVA FINA,

CHUVA

CHUVA FORTE,  
CHUVA FINA,  
CHUVA MIÚDA.

CHUVA com vento.  
CHUVA de pedra.  
TEMPORAL!

Ventania... correria...  
leve neblina...nostalgia.

Ramo bento queimando,  
mamãe rezando,  
menina pequena,  
os espelhos, tapando.

Lá fora...água lavando sarjeta,  
menina maior, brincando

como borboleta:  
molhada, saltitante,  
cabelos pingando,  
roupa grudada no corpo,  
olhos grandes penetrantes,  
embaçados e brilhantes.

CHUVA que LAVA

CHUVA que LEVA  
CHUVA que EMBALA  
CHUVA que AFAGA  
CHUVA que ACOLHE

e que é carícia.  
pra corpo cansado.  
pra alma sofrida.

CHUVA que é VIDA  
CHUVA que NUTRE  
CHUVA que MATA  
CHUVA que SALVA  
CHUVA que ROMPE  
o grão da semente,  
secando o suor  
de tanta gente.

Ah! Chuva bendita,

chuva benvinda,  
chuva rezada,  
chuva esperada,  
chuva presente...  
volte novamente

Da Revista  
Água da Fonte  
31/05/2011

Data : 30/07/2011  
Título : TRISTEZA  
Categoria: Poesia  
Descrição: tRISTEZA...TEM FORÇA,PODER...

TRISTEZA

Tristeza ocupa espaço, pesa,  
desfaz o cheiro, o sabor e a cor.

Tristeza tem forma, tamanho,  
congela o tempo, o som e o compasso.

Tristeza tem força, poder,  
destrói,

corrói,  
dói.

Dinair Fernandes Pires  
30/07/2011

Data : 30/08/2011  
Título : VAZIO  
Categoria: Poesia  
Descrição: Silêncio...Inapetência...Inércia...Escuridão...

VAZIO

Não há revolta  
nem queixumes.  
Não há desespero  
nem lamentos.  
Não há maldição  
nem prantos.

Apenas  
o silêncio,  
a inapetência,  
a inércia,  
a escuridão.

Dinair Fernandes Pires  
30/08/2011

Data : 30/11/2011  
Título : A música como bálsamo  
Categoria: Crônicas  
Descrição: Muito comum vermos tantas pessoas com fones de ouvido escutando música em meio à multidão, envoltas por familiares, viajando, trabalhando, fazendo de conta que estudam, caminhando, etc.

Muito comum vermos tantas pessoas com fones de ouvido escutando música em meio à multidão, envoltas por familiares, viajando, trabalhando, fazendo de conta que estudam, caminhando, etc. Custava a entender como conseguiam ausentar-se de tudo e isolar-se num mundo só seu, sem nada compartilhar. Por vezes, até me irritava essa atitude tão corriqueira entre os jovens.

De volta ao meu “Ipod”, comecei a entender que esse isolamento é uma faca de dois gumes: tanto pode nos afastar da realidade quanto fazer dançar a imaginação e nos conduzir a lembranças eternamente aprazíveis, visto que somos nós quem decidimos o que queremos escutar. Por meio da música, interrompemos o curso da mente incomodativa e abrimos uma janela ao envolvimento espiritual. Realmente, conseguimos voar, dançar, viajar, colorir cenários que racionalmente seriam em preto e branco.

Constatação simples, mas significativa: a música é um bálsamo na cura de feridas. Há que se deixar envolver pelos sons mais simples, que iniciam pelo compasso do coração, o assovio do vento, o balançar das folhas, a chuva no telhado, o cantar dos pássaros, a água que corre, as ondas que vêm e vão, até a seleção de músicas criadas ou interpretadas por pessoas especiais e resgatadas por portadores de fina sensibilidade.

Colocá-los ao nosso alcance, para que possamos acioná-los sempre que a racionalidade, a tristeza e o desânimo se aproximarem e tentarem fazer morada em nosso ser é trazer conosco um curativo essencial.

Há que se ter um currículo oculto que se forma desde a gestação que tivemos: o coração da mãe a compassar nossa formação (tranquilo, amoroso, ansioso...); as canções de ninar que nos embalaram; o assovio do pai que nunca desafinava, a sua voz ao cantar com extrema emoção; a gaita de boca do vovô, que nunca leu uma nota musical, mas reproduzia com perfeição os discos da vitrola; a “gaita de botão” do tio, que complementava os sons feitos com talos de aboboreiras; e as lições de música que tivemos a graça de receber, numa escola tradicional, mas erudita e numa casa sem televisão.

É só resgatar, e cada um encontrará o seu acervo. É companhia que sempre está próxima e disponível; é lenitivo e remédio.

Novembro de 2011

Data : 30/11/2011

Título : A natureza e a cura

Categoria: Crônicas

Descrição: O avanço tecnológico nos rodeia, mas, por mais recursos que sejam oferecidos, nada supera o canto dos pássaros, o balanço do mar, a brisa serena na quietude de um recanto cercado de plantas e flores.

O avanço tecnológico nos rodeia, mas, por mais recursos que sejam oferecidos, nada supera o canto dos pássaros, o balanço do mar, a brisa serena na quietude de um recanto cercado de plantas e flores. A meditação curativa mais eficaz vem desse encontro.

No entanto, há que não ter medo de encontrar-se consigo mesmo e entregar-se a uma contemplação e interação sem limites até confundir-se na unidade. Há que sentir a presença serena de uma força maior que nosso pobre corpo. Não deixar que a mente nos perturbe, nos confunda, nos enlouqueça e deixar-se levar como uma folha seca que desce, sem resistências, o curso de um rio.

O canto dos pássaros, a visita do quero-quero, as nuvens dançando no céu azul, o vento suave ou feroz, o sol, a chuva, o frio, o calor, o espreitar da coruja, a visita do beija-flor, as flores no pé de primavera funcionam como “florais” que, gota a gota, vão energizando as células do corpo e do espírito e facilitam a respiração profunda, sem medo que o peito doa de tristeza.

A noite assusta, mas as estrelas brilham e a lua sempre nos convida a uma interação sem reservas. O “banho de lua” refaz a energia que possa ter sido consumida no dia atarefado e dolorido. Os olhos voltados para o chão e a mente presa em conflitos, muitas vezes, nos impedem de levantar a cabeça e curtir o que está aí, sem cobranças, uma dádiva divina. Até uma noite de temporal é ferramenta para “sacudir”, “deixar ligado”, “conectar”. Sem temporal jamais a semente se faria grão!

Novembro de 2011

Data : 30/11/2011

Título : Despertando na unidade

Categoria: Crônicas

Descrição: Os rituais formam raízes em nossa vida, e viver sem eles ou modificá-los é desgastante e doloroso. Um gosto de fel se espalha, e a posição de recuo para enfrentar a realidade começa a nos abater.

Os rituais formam raízes em nossa vida, e viver sem eles ou modificá-los é desgastante e doloroso. Um gosto de fel se espalha, e a posição de recuo para enfrentar a realidade começa a nos abater. Duas atitudes cabem aí: adiar ou enfrentar. Novamente percebi que os caminhos nós percorremos, mas não traçamos e custamos a assimilar isso. Após uma perda somos forçados a modificar rotina e rituais que nos faziam bem e que se incorporam em nosso cotidiano. É como despir-se e carregar com isso todo um recato, um pudor, uma timidez que por vezes se parecem com impotência.

Fui despertando lentamente, num ritmo nunca experimentado. Não estava só, fui reconhecendo que a mente, por si, não se acorda, não se percebe, não se reconhece.

Despertar precisa de uma força maior, de uma conexão e vibração com o que foi projetado para nós, de uma evolução de consciência. Sair do sofrimento e libertar-se da prisão da mente acontece a partir de intenção, empenho e intervenção divina. Quando a intenção é clara, a ação não fica pesada. Há, no entanto, a necessidade de abertura à intervenção divina, mesmo que esta às vezes se valha da dor ou do sofrimento. Nunca o divino é contra nós. A doença, a crise, a perda são muitas vezes um canal para o despertar.

A mente é quem menos conhece o divino; o coração e a consciência em evolução o percebem melhor. A meditação é uma viagem no sentir que não se explica; vive-se.

O passo principal da cura é o perdão, e o perdão não é esquecimento, mas é lembrar sem mágoas. Muito mais que perdoar os outros é necessário perdoar a si mesma por tantos condicionamentos mal colocados e que só servem de atrapalho. Heranças que recebemos e precisamos reconhecer sem melindres, mas com honestidade e humildade, rever relacionamentos e reatar laços partidos. Separar a nossa dor das dores causadas por si ou vindas de fora. Acordar a compaixão e sentir as outras pessoas, sem julgamento. Processo pesado, mas com resultado leve e revigorante. Como a onda do mar que não é impedida em seu movimento natural, cercada pela solidariedade e energia dos companheiros e embalada pelo divino, sentimos que o sofrimento pode ser

transformado em alegria, que o poder de abençoar também está dentro de nós, através da centelha divina que trazemos conosco, e isso nos faz “poderosos”...

Um poder que não advém de posses materiais, mas de uma espiritualidade canalizada pelo coração, com a presença do divino e que é capaz de acionar o que é necessário para cada um, em cada momento, vivenciando a compaixão e o amor.

Assim os rituais são modificados com leveza e naturalidade, e o dia a dia se refaz com a roupagem, o som e o sabor de outro ciclo.

Novembro de 2011

Data : 28/02/2012

Título : MÃOS ENROLADINHAS

Categoria: Poesia

Descrição: Se enrolaram na vida, curando ferida...

### MÃOS ENROLADINHAS (para Rafaela)

A voz é doce,  
segura e macia.

Por si só,  
uma poesia.

A pergunta é leal,  
nascida no toque.

É forte e certa,  
como tiro de “bodoque”.

]

- Vovó, por que suas mãos são “enroladinhos”?

Se enrolaram na vida,  
acariciando ferida.

Se enrolaram no amor,  
salpicadas de dor.

Se enrolaram no trabalho,  
hidratadas com orvalho.

Se enrolaram no cabelo,  
que perdeu a cor.

Se enrolaram nas contas do terço,  
a rezar com fervor.

Se enrolaram nos gestos,  
jeitos, trejeitos,  
tentando explicar  
o que está preso no peito.

Se enrolaram na escrita,  
pensada, dita e não dita.

Se enrolaram no papel,  
na panela e no cordel.

Se enrolaram no carro,  
no controle e no chocalho.  
Se enrolaram nos livros,  
no giz, caneta e arquivos.  
Se enrolaram na carícia,  
na leveza e na malícia.  
Se enrolaram no pulso cerrado,  
na força, na luta,  
pra conquistar o sonhado.  
Se enrolaram, segurando o tempo  
que escorre nos dedos  
e o cair do dia,  
que acorda os medos!

Dinair Fernandes Pires

Fevereiro de 2012

Data : 30/04/2012

Título : Feridas na alma

Categoria: Artigos

Descrição: Impossível viver sem feridas. Um desajeito, um movimento brusco, um obstáculo não percebido, um choque repentino, uma queda, um atrito, uma picada, um raspão...

Feridas na alma

DINAIR FERNANDES PIRES

Impossível viver sem feridas. Um desajeito, um movimento brusco, um obstáculo não percebido, um choque repentino, uma queda, um atrito, uma picada, um raspão... E lá está o início de uma ferida. Às vezes se percebe logo, pois desconforto e mal-estar a acompanham; outras vezes há quase uma negação, e o foco passa a ser outro, até que a dor se instala.

Podemos centrar nossa atenção e cuidado inteiramente nelas, num estágio, protegendo-as, para que nada nem ninguém se aproxime, mesmo que a intenção seja curá-las; noutro, negando a sua existência e até escondendo-as, em invólucros das mais diversas formas.

Como as feridas do corpo, de modo invisível e muito mais profundo, se acumulam as feridas da alma. Vão elas se instalando em pontos diversificados, ou se sobrepondo para assegurar privacidade. Quanto menos se “cutuca”, menor o sangramento. A “casca” vai enrijecendo e muitas vezes se tem a ilusão de cura. Melhor não mexer, cobrir para não ver, ou acalmar com qualquer sedativo.

Processo árduo é descobri-las, permitir que a “casca” se quebre, tratar o que se esconde embaixo, enfrentar o sangramento e optar pela cicatrização. Exige muita energia, clareza, decisão pessoal, solidariedade, compaixão e, certamente, uma grande dose de intervenção divina. Disciplina e perseverança também, pois, quando a dor se abrandava, há o desleixo na vigilância e, de repente, não mais que de repente, ela ressurgiu e novamente nos imobiliza; a descrença ronda e parece enrodilhar-se na penumbra, sem movimentos! É a solução!

(Dinair Fernandes Pires é professora, de Passo Fundo/RS.)

Data : 30/04/2012

Título : Só amor não basta

Categoria: Artigos

Descrição: Muitas vezes, me perguntam como se faz para sustentar um casamento por 40 anos (fora o tempo extraoficial), quando não acrescentam: “e vocês são tão diferentes!”...

## DINAIR FERNANDES PIRES

Muitas vezes, me perguntam como se faz para sustentar um casamento por 40 anos (fora o tempo extraoficial), quando não acrescentam: “e vocês são tão diferentes!”...

Situação em extinção hoje! Confesso que eu mesma, vez ou outra, tenho me indagado sobre isso. Vamos ser leais! Não existe casal que, num espaço de tempo destes, não tenha sentido vontade de “chutar o balde”. Podem se diferenciar as causas, o número de vezes e a coragem de confessar.

Acontece que, para cada resposta, há um tempo, e muitas vezes esse tempo não é determinado por nossa vontade, mas pela história de vida, pela leitura dos fatos e pelo amadurecimento pessoal.

Hoje, creio ter encontrado algumas respostas e uma certeza: AMAR , “solamente”, não basta! Há que se iniciar por um encantamento, e caminhar por uma paixão capaz de manter a magia do toque, do olhar e do sussurro, como o combustível que, em qualquer instante, às vezes o mais inesperado, acenda o fogo da sexualidade e possibilite que nos vejamos, independentemente do tempo e das circunstâncias, lindos, fortes, vigorosos, sedutores, pois para isso fomos feitos, homem e mulher. Na essência de ser humano e, por opção, nos amamos, apesar de não possuímos qualquer laço de sangue.

Simultaneamente, é imprescindível que se construa um respeito pelo jeito de ser do outro, pelas suas conquistas e fracassos, pelas suas alegrias e mágoas, pelas suas lutas e desânimos, pelas suas limitações e superações, pois isso será o suporte do reconhecimento das individualidades que, numa aprendizagem lenta e muitas vezes dolorosa, garantirá a concessão de nossa própria autonomia e da autonomia do outro. Aqui se incluem um pouco de silêncio, um tempo para cada um, jogo de cintura, amigos de infância e juventude, a capacidade de fazer de conta que não escutou, vida própria numa família ampliada.

Mas tudo isso resultará em confiança e compreensão. União não é fusão! Impossível haver fusão de pessoas, pois, onde há sonhos, desejos, temperamentos, caráter, opiniões que se encontram e desencontram, fragilidades que sofrem tristezas, mágoas, desencantos, cada um tece uma teia pessoal desconhecida, muitas vezes por si próprio. Com os pés no chão, sem perder a poesia, há que se cultivar a generosidade e a ternura. Quando amamos alguém, com o qual possuímos laços comuns de sangue, isso é mais fácil, é visceral. Mas num casamento longo isso precisa ser alimentado no cotidiano, com paciência e muita perseverança, regado pelo perdão e acalentado por uma constante prontidão para recomeçar.

Impossível não lembrar que é o casamento o maior investimento que realizamos na vida, e que investir exige trabalho árduo, luta, briga, jogo, risco, confronto, partilha e perdão. Nem tudo dá certo, mas há que se evitar, de todas as formas, a falência, salvaguardando a dignidade e a integridade do casal.

Hoje, acrescento a gratidão pelas vezes que conseguimos “desvirar o balde”, “refazer a mesa”, “esquecer as falhas nos lençóis comuns”, pois assim colhemos os frutos de uma parceria que faz

os dias terem sentido. E assim é possível saborear esses frutos que vergam os galhos das viçosas árvores nascidas de sementes de amor.

(Dinair Fernandes Pires é professora, de Passo Fundo/RS.)

Data : 08/06/2012

Título : ABRAÇO DO SILÊNCIO

Categoria: Poesia

Descrição: Nada a dizer...apenas o abraço...

### ABRAÇO DO SILÊNCIO

O corpo suado,  
a alma lavada.  
Respiração ofegante,  
coração aos pulos.  
Volta a essência,  
mente calma.

Nada a dizer...

O pranto convulso,  
a dor penetrante.  
Raiva, revolta,  
grito preso.  
Convulsão de ânsias,  
perturbação, cansaço.

Nada a dizer...

A tristeza é infinda,  
buraco negro.  
Solidão, vazio,  
lamento.  
Desesperança, fragilidade,  
desânimo.

Nada a dizer...

O abraço é o amparo,  
é o sorriso,  
é a força.  
O abraço é o conforto,  
é o calor,  
é o amor.

O abraço é a esperança,  
é a confiança,  
é a fé!

Dinair Fernandes Pires  
08/06/2012

Data : 12/06/2012  
Título : ÚLTIMA VEZ DESPEDIDA  
Categoria: Poesia  
Descrição: ÚLTIMA VEZ É ATEMPORAL, É SUMIÇO,É SURPRESA...

### DESPEDIDA/ÚLTIMA VEZ

Um tchau...  
flores, abraços,  
celebração, recomendação...  
A dois, em grupo, em família,  
com colegas, vizinhança,  
adultos, crianças.  
É despedida:  
por horas, dias, meses, anos, sempre.  
Despedida é racional,  
pensada,  
planejada,  
consciente.  
Às vezes não desejada,  
mas pontual.

Última vez é surpresa,  
nunca se sabe,  
é arapuca,  
falta de chão,  
golpe no escuro,  
tornado, vendaval.

Última vez é atemporal,  
o espaço apaga,  
a emoção comanda,  
a cabeça roda,  
o corpo treme,  
a alma se entrega.

Última vez é sumiço,  
fogo que apaga,  
fumaça que vai,

nuvem que flutua solta no ar,  
luz que se some pra nunca mais!

Dinair Fernandes Pires  
12/06/2012

Data : 30/07/2012  
Título : Amigas brujas  
Categoria: Poesia  
Descrição: Pares de mãos surgem no ar e

Pares de mãos  
surgem no ar e  
num pirilimpimpim  
espalham pó cintilante  
que fazem a alquimia.  
Alquimia do toque,  
que acolhe, afaga,  
une, resgata.  
Alquimia da arte,  
que cria, transforma,  
constrói, embeleza.  
Alquimia do som,  
que envolve, acalma,  
embala, relaxa.  
Alquimia do sabor,  
que nutre, aproxima,  
brinda, encanta.  
Alquimia do saber,  
que amplia, enriquece,  
floresce, rejuvenesce.  
Alquimia do abraço,  
que restaura, energiza,  
reforça, aconchega.  
Alquimia das palavras  
faladas, ouvidas,  
compartilhadas, compreendidas.  
Alquimia do amor,  
que é desperto, dançado,  
vivido, eternizado!

Julho de 2012

Data : 30/08/2012

Título : Rotina... Minha-sua-nossa-vossa

Categoria: Poesia

Descrição: Bebê nem nasceu, os planos estão feitos...

Bebê nem nasceu,  
os planos estão feitos:  
pai, mãe tecem sonhos,  
espaços, regras, alimentos,  
horários, vestes e brinquedos.  
Avós dão palpite,  
vizinhos opinam,  
jornais e revistas dicas ensinam,  
parentes e amigos recados enviam.  
Nasce o esperado.  
Grita, esperneia,  
come, não come,  
franze-se todo,  
sorri, chora muito,  
frente ao que é imposto.  
Nasce o inesperado.  
Rola, desenrola,  
puxa e afrouxa, vai e vem,  
botando em xeque a rotina  
escolhida e prescrita  
por outros ou alguém.  
Primeira etapa da vida:  
luta pra ser o que é  
cumprindo da manhã à noite  
regras, comandos,  
ordens que não entende  
e a maior parte, que não quer.  
Silencioso ou revoltado  
na adolescência difícil,  
para agradar aos amigos,  
colegas, pais, professores,  
segue no dia a dia  
como autômato, um guia.  
Com o companheiro ou a companheira,  
sonhos, morada, orçamento,  
vem de novo a confusão  
do que é meu, seu, nosso, vosso,  
dos dois, nascido da união.  
Os anos vão se passando,  
às vezes, filhos chegando,  
já nem se sabe o que faz.  
Confusão vai se instalando  
permeando as diferenças

e a identidade se vai...  
Avança o tempo:  
netos alegram, agitam,  
doces, amados,  
também gritam.  
Querendo ser eles mesmos,  
na roda da vida, se agitam.  
Onde ficamos? Como giramos?  
Quem sou eu? Quem é você?  
Quem somos nós? Quem são eles?  
A velhice se instalando,  
filhos voando, ninho vazio,  
ganhos, perdas, desafios...  
A doença bate à porta  
companheiro se despede  
nova rotina sucede.  
Rotina que brota do vazio:  
Do não saber quem se é  
de que se gosta e não gosta,  
pra onde ir, onde ficar,  
o que é certo, o que é errado,  
qual o lado e o lugar...  
Como de um sono profundo  
vai se descobrindo no mundo...  
O pranto do despertar  
do nascer, do acordar  
agora tem outro rumo,  
outro som,  
outro queixume.  
Traz consigo uma bagagem  
difícil de se descartar.  
Não se sabe o que é costume  
e o que se faz por gostar,  
o que é do filho, dos pais,  
do marido ou de alguém mais.  
Essa nova descoberta  
é lenta, é dolorosa.  
Exige muita paciência,  
é difícil, é trabalhosa...  
Consigno mesma o encontro  
traz surpresas e confronto.  
Como o traçar de mandala  
num ritmo compassado  
vai ficando desenhado.  
Com cores e acinzentado,  
forma-se um rico bordado  
que nunca fica acabado.  
A cada dia que nasce  
a tarefa é descobrir  
o recado da existência,

que deseja se expandir,  
do SER que está escondido  
e que quer evoluir.  
Com objetivo bem claro  
e empenho decidido,  
um espaço para o divino,  
o coração no comando,  
nova rotina se instala,  
a cada dia mudando.

Agosto de 2012

Data : 30/08/2012

Título : Resgates

Categoria: Crônicas

Descrição: Toda história de vida é um romance inacabado. Inacabado no sentido mais abrangente, pois, se fossemos relatá-la por capítulos, encontraríamos os já fechados e os ainda aguardando o desenlace final.

Toda história de vida é um romance inacabado. Inacabado no sentido mais abrangente, pois, se fossemos relatá-la por capítulos, encontraríamos os já fechados e os ainda aguardando o desenlace final. Há pessoas que passam pela vida sem interpretar, compreender ou relacionar fatos, sentimentos e decisões. Curioso é que existem momentos, etapas ou circunstâncias que nos levam a encontrar o sentido de cada episódio.

Essa possibilidade ou capacidade talvez seja um dos ganhos da idade madura e da velhice.

Também há que se admitir que muito se fechará somente aí e não duvidar que possa, ainda, ir além. Grande parte do encaixe certamente se ligará ao investimento feito com relação ao crescimento espiritual e ao exercício da reflexão.

Seguidamente, surpreendo-me procurando peças no quebra-cabeça das experiências vividas para encaixar as surpresas que aparecem no cotidiano, e outras vezes, inesperadamente, cai o coringa que faltava para desvendar todo um mistério. Assusto-me ao perceber que, cada vez mais, essa prática me persegue e acorda aprendizagens que, em tempos idos, pareciam tão teóricas e livrescas. Como que num estalar de dedos a purpurina ganha forma, se explica o que parecia inexplicável e se consoma o que se apresentava como insolúvel. Daí decorrem vivências e apropriações tão argumentadas, como a compaixão, a amizade verdadeira, a solidariedade, a caridade, o cuidado, a paciência e o amor incondicional.

Certos episódios que pareceram insignificantes ou superficiais retornam em outro contexto e vêm complementar, fortalecer, acabar o rascunho do desenho iniciado.

Ocupam o seu lugar, fecham o círculo, escrevem a mensagem mais profunda, às vezes pela energia que continua a circular. É como se fosse uma psicografia.

Agosto de 2012

Data : 31/10/2012

Título : Transcendência

Categoria: Poesia

Descrição: Cheiros... sons... sabores... como varas de condão

Cheiros... sons... sabores...  
como varas de condão  
destroem espaço e tempo  
ao compasso do coração.  
Pão de forno, marmelada,  
café passado no pano,  
bolo frito, pão de ló,  
maçã e batata assada,  
bife na chapa, feijoada,  
churrasco na labareda  
e galinha enfarofada.  
Café preto com farinha,  
bolacha feita com graxa,  
charque socado em pilão,  
carapinhada, chivito,  
pancho e arroz carreteiro  
têm gosto do meu rincão.  
Sabão em pó, sabonete,  
roupa alvejando na panela,  
talco e pasta de dente,  
colônia de cheiro e canela,  
cravo, jasmim e camélia,  
é a mãe e o carinho dela.  
Também o fino assobio,  
o arrastar do chinelo,  
o cochicho e o balbucio  
de segredos sussurrados,  
o barulho do minuano  
e a chuva no telhado.  
O compasso de um tango  
passional e milongueado,  
pisada forte com botas,  
baforada de um cigarro,  
nome da gente bem firme:  
o pai, chegando cansado.  
Os anos voltam num zás,  
os momentos se repetem,  
pessoas, lugares se achegam,  
é só... se deixar levar...  
e curtir o aconchego!

Outubro de 2012

Data : 31/01/2013  
Título : Dores  
Categoria: Poesia  
Descrição: Dores não se comparam... Se encobre

Dores não se comparam...  
Se encobre  
se engole  
se enrola  
se chora  
se atura  
se cura...  
Nunca se transfere.

Janeiro de 2013

Data : 31/01/2013  
Título : Bambolê  
Categoria: Poesia  
Descrição: Tudo na vida é circular: a linha que se abre...

Tudo na vida é circular:  
a linha que se abre,  
a pedra que é jogada,  
o eco do riso,  
o sal da lágrima,  
o cisco do olho,  
o curso da alma...  
A terra que gira,  
o vento que sopra,  
a criança que nasce,  
o dia e a noite,  
o verão e o inverno,  
a semente e a vertente,  
o afago e o açoite...  
O sonho traçado,  
o bem alcançado,  
o mal desejado,  
a palavra falada,  
a mentira calada...  
Tudo que se abre  
um dia será fechado...  
A roda cantada,

o jogo de “pega”,  
a corda que pula,  
a trilha, a dama,  
o bambolê, a sapata,  
o baralho e a “cabana”  
canções e contos que embalam...  
De mão em mão, o chimarrão,  
o “causo” contado,  
o gado laçado,  
o espeto girado,  
a caipira partilhada,  
o pelego ajustado,  
fogo de chão, canto trovado...  
Fazer amor é circular,  
o embrião, o feto, a gestação:  
nascer, crescer, adolecer,  
amadurecer, envelhecer, morrer,  
aprender, aceitar, agradecer,  
amar, perdoar, abençoar,  
tudo isso é circular!

Janeiro de 2013

Data : 31/03/2013

Título : Afinidades

Categoria: Crônicas

Descrição: Sem nenhuma explicação cabível, sentimos um sininho tocando: num trocar de olhares, num sorriso, num gesto, em meias palavras ou em infundáveis bate-papos.

Sem nenhuma explicação cabível, sentimos um sininho tocando: num trocar de olhares, num sorriso, num gesto, em meias palavras ou em infundáveis bate-papos.

O encontro sempre deixa um gosto de “quero mais”.

O olho na vitrine, o artigo na revista, a leitura do livro, a música que toca... Um fato, uma notícia, um desafio... Uma lágrima, uma brincadeira, um riso largo... Um convite, um projeto, uma reflexão... Um prato delicioso, aquele vinho, a barra de chocolate...

Dançar, meditar, relaxar... Passear na praia, viajar, caminhar... Sair sem destino, comprar bugigangas, chamarrear... Assistir a um filme, a um programa especial na TV, ir ao teatro ou a uma exposição...

Tudo tem a pessoa certa para compartilhar, parece que até o anjo da guarda da gente, quando se “cruza”, se entrega à cumplicidade.

A mente voa, às vezes o coração para na mesma pessoa, outras, em pessoas diferentes.

Não importa onde estejam, nem o último encontro, mas ela está ali conosco, juntinha, inteira e transparente. Podemos correr ao telefone, conversar, marcar encontro, bater à porta, enviar mensagem... Ou fechar na caixa preta da saudade certa afinidade!

Março de 2013

Data : 31/03/2013

Título : Enrodilhar-se

Categoria: Poesia

Descrição: Há momentos e até mesmo dias em que o único desejo que se tem é enrodilhar-se...

Há momentos e até mesmo dias em que o único desejo que se tem é enrodilhar-se, ou seja, colocar a alma em posição fetal. Descansar no próprio colo. Afagar as mágoas. Agasalhar a fragilidade. Aninhar-se na própria história e não questionar. Não lamentar. Não se queixar. Acalentar no canto silencioso e compassado do coração as frustrações, os desencantos e o vazio. Aconchegar-se. Enrolar-se de tal forma em si mesma que tudo ao redor desapareça e, por um instante que seja, a mente suma e a energia ressurja como que numa explosão de amarras, numa ressurreição.

Março de 2013

Data : 31/05/2013

Título : Rituais

Categoria: Crônicas

Descrição: Quando nasceu minha filha, os rituais tomaram conta do meu cotidiano.

Quando nasceu minha filha, os rituais tomaram conta do meu cotidiano. Era um ritual para amamentar, outro para o banho, outro para fazê-la dormir, outro para preparar suas mamadeiras, esterilizá-las, bem como suas roupas, em especial as fraldas, que eram fervidas e muito bem passadas... Acredito que dispensava mais tempo na preparação que propriamente na execução de cada tarefa. A insegurança tomou conta de mim quando me deparei sozinha com aquela miniatura de gente que eu queria criar com perfeição. Muitos dando palpite e eu buscando toda a aprendizagem do mundo para errar o menos possível. Apesar de tudo que me preparei, sentia-me incapaz, pois ela chegou sem manual de instruções. Era uma desconhecida e misteriosa criatura, sem palavras, indefesa e surpreendente como qualquer bebê.

Os rituais me tranquilizavam. Eram como uma oração ou uma meditação para fortalecer a minha intervenção no seu mundo e no seu desenvolvimento. Não devem ter influenciado muito sua vida, mas fortaleciam a minha energia e emolduravam meu perfil materno.

Vieram os outros filhos e em cada um sentia os ritos se ampliarem. Ritos de proteção, de cuidado, de compaixão e de amor. Sentia-me mais solta para elaborá-los melhor. Em cada fase surgiam necessidades diversificadas, e eu implementava novas formas de viver os desafios de me proteger dos fracassos. Sempre presentes os ritos religiosos e até supersticiosos passados de geração a geração. Envolvê-los pelos anjos a cada despedida escolar e por tudo que é divino quando entram na adolescência e começam a fazer suas incursões pela noite e pelas baladas. Presenteá-los com um amuleto de sorte sagrado, ou colocá-lo às escondidas em seus pertences. Envolver o carro, ônibus ou avião num círculo de luz antes de uma viagem. Concentrar-se e

enviar energia positiva antes de uma prova, entrevista ou apresentação de trabalho. Era a forma de amenizar a ansiedade, permanecer serena na ausência e ir além de onde nos é permitido acompanhar.

Embora adultos, distantes, cada um em seu próprio ninho então ampliado, não consigo adormecer nem iniciar o dia sem um ritual de proteção para cada prole. Isso parece um indutor de sono ou impulso para sair da cama pela manhã.

Com os netos a história se repete, mas a maturidade torna os rituais mais leves e com maior certeza de valor. Não desgastam e são muitas vezes automáticos. Tornam-se mais doces, mais ternos e mais profundos. Transformam as avós em alquimistas que podem ser por momentos benzedeiras, massoterapeutas, fadas, curandeiras, mestras e pastoras. Vão naturalmente imprimindo na vida dos pequenos ferramentas que guardarão com zelo e usarão por toda a vida, para sempre, assim como eu guardo e uso as que aprendi de minha avó.

Maio de 2013

Data : 31/05/2013

Título : Hora do silêncio

Categoria: Crônicas

Descrição: Por uns bons anos estudei em colégio de freiras. Cheguei lá com quatro anos, o que considero um privilégio, pois naquela época pouquíssimas crianças iam para a escola com essa idade.

Por uns bons anos estudei em colégio de freiras. Cheguei lá com quatro anos, o que considero um privilégio, pois naquela época pouquíssimas crianças iam para a escola com essa idade. Foi uma distinção por conta de minha madrinha, que era professora fiscal da escola e conseguiu uma bolsa de estudos para mim. Na sexta-feira voltávamos para casa com faixa de cetim (tipo as de rainha), com uma das três palavras: APLICAÇÃO – COMPORTAMENTO – HONRA, respectivamente em azul, rosa e branco. Sonhava com a última, mas sempre me davam a primeira, porque meu comportamento era difícil: tinha medo das freiras e não queria ficar na escola. HONRA só recebia quem acumulava aplicação e comportamento.

O tempo passou e adquiri um amor muito grande, além de respeito, pelo ensino e pela rotina da Escola Santa Teresa de Jesus em Santana do Livramento. No ginásio, saia pregueada – em tecido xadrez marrom e branco a trinta centímetros do chão, conferidos sempre pela régua de uma “juvenista” sob o olhar fiscalizador de uma freira –, a qual rapidamente desenrolávamos da cintura ao nos aproximarmos do portão de entrada. O look era completado por blusa branca, gravata, meias brancas e sapatos pretos lustrados.

Dentre tantas práticas que marcaram minha personalidade, hoje uma me veio à lembrança: HORA DO SILÊNCIO. Alunas sentadas após a reverência inicial ao professor, a freira em pé anunciava a hora do silêncio e tocava uma sineta tipo a que os juízes usam nos tribunais. Ninguém se mexia. Ouvia-se o barulho do voo de uma mosca, mas até elas pareciam obedecer. A paz era instalada, embora não entendêssemos a estratégia. Às vezes isso se repetia na volta do recreio. Apreciava a paz e a harmonia desses momentos, sem racionalidade. Era um estado de graça que eu era incapaz de mensurar na época, mas capaz de sentir com intensidade. Acho que algumas gotas desse bálsamo tocaram meu coração ao sepultar meu pai sob o TOQUE DO SILÊNCIO, num clarim. A partir daí comecei a entender e me integrar aos MINUTOS DE SILÊNCIO que publicamente são feitos.

Em diversas situações e em diferentes épocas ouvi professores, rigidamente e com voz muito alta e firme, ordenando SILÊNCIO aos seus alunos. Outras vezes isso tinha o tom de súplica, mas era muito diferente dos “calem a boca” que também ouvi.

Há pouco tempo participei de uma meditação feita em silêncio por uma hora e soube que esta também é feita por uma semana. Enquanto muitos se surpreendiam, eu achava familiar e não questionava o tempo, só valorizava o estado mental, emocional e espiritual. Com a maturidade descobri que o silêncio também serve para aliviar mágoas, evitar atritos, amenizar conflitos, colocar palavras desnecessárias em segundo plano, evitar agressões e dar tempo aos fatos. Serve para processar os nossos erros e os dos outros, incorporar aprendizagens difíceis e doloridas e fortalecer a certeza de que “não controlamos nada – tudo acontece automaticamente”.

Hoje, gratidão pela primeira lição.

Maio de 2013

Data : 30/09/2013

Título : Descalçadeira de botas

Categoria: Crônicas

Descrição: Ao assistir ao filme que faz nova releitura de O tempo e o vento de Erico Verissimo, as imagens do punhal de Pedro Missioneiro...

Ao assistir ao filme que faz nova releitura de O tempo e o vento de Erico Verissimo, as imagens do punhal de Pedro Missioneiro, da roca de Dona Henriqueta e da tesoura de Ana Terra acordaram em mim uma reflexão profunda sobre objetos de poder, o que na primeira versão não aconteceu. Poder que não se vincula ao valor material, mas é prenhe de histórias, de valores, de vida, de morte, de amor, de dor, de lutas, de vitórias e de derrotas. Objetos que falam, emocionam e narram por si só uma senda de gerações que se fazem imortais no sangue comum perpetuado e preservado com orgulho e tenacidade.

Observo, numa porta de minha casa, uma descalçadeira de botas que pertenceu ao meu pai e foi usada cotidianamente por ele. Rústica, simples e sulcada por marcas, não traz beleza alguma, mas tem o poder de levar a minha imaginação pelos lugares por onde andaram suas botas e quantas ali ancoraram. Muitas das crianças que aqui vêm gostam de brincar com ela, e eu fico imaginando a figura austera de um militar forte e enérgico rodando entre as brincadeiras dessas crianças. Nunca ninguém adivinhou a serventia desse objeto. Quando é oportuno, sinto prazer em contar a sua história e colocar aí uma pitada de mistério e humor. Aproveito para falar um pouco sobre meu pai e sobre como vivíamos.

Guardo comigo, por anos, o cartapácio onde minha avó carregava a lousa que lhe serviu de caderno e carinhosamente coloco botões na lata de pó de arroz – KALODERMA – que ganhou como primeiro presente de meu avô. Em dias muito especiais minha mesa tem o privilégio de receber o paliteiro, em forma de repolho, que meu pai usou para presentear sua futura sogra na visita onde oficializou seu namoro com minha mãe, bem como a jarriinha de vidro vermelha que minha mãe comprou com oito anos para enganar os outros, fazendo água passar por vinho. Enquanto escrevo, sobre a estante um binóculo muito antigo que veio passando de pai para filho me “mira” com o olhar ampliado de alguma energia centenária que certamente também gostava de escrever... de refletir... de olhar distante. Ao seu lado, o baú pequeno de latão onde eram guardados os “cobres” para as primeiras necessidades, em seu silêncio, parece guardar a frase de um dos meus pequenos:

- É verdade, vovó, que na tua casa tudo tem história? Conta mais uma!...

Setembro de 2013

Data : 30/09/2013

Título : Bênção, pai... Bênção, mãe...

Categoria: Crônicas

Descrição: Ficava encantada quando, na minha infância, via minha mãe adulta curvar-se em frente ao meu avô e à minha avó pedindo-lhes a bênção, ao que eles respondiam: “Deus te abençoe”.

Ficava encantada quando, na minha infância, via minha mãe adulta curvar-se em frente ao meu avô e à minha avó pedindo-lhes a bênção, ao que eles respondiam: “Deus te abençoe”. Ensaiei muitas vezes esse ritual porque o achava mágico, mas meu pai não fazia questão que a gente se educasse nesse sistema. Mesmo assim, de vez em quando, eu deixava escapar um pedido de bênção para os avós e tios-avós, que eram habituados a abençoar. Acreditava que depois disso as pessoas estariam protegidas e fortes e nada deveriam temer, nem teriam por que fraquejar. Tinha a segurança de que ser abençoada era possuir um círculo luminoso e angelical ao redor, o que se assemelhava a ter “o corpo fechado”. Assim cresci: buscando bênçãos e silenciosamente abençoando meus filhos. Sentia-me acanhada para pronunciar palavras, por isso os envolvia pelo meu olhar de proteção, pelo amor incondicional e por preces que clamavam por bênçãos. Muitas vezes terceirizava o ato de abençoar para um divino que colocava fora de mim e fora deles. Conquista da caminhada na vida e de bênçãos desta e de outra dimensão, tenho hoje uma clareza muito grande sobre isso. Sou grata por essa aquisição e reverencio a tudo e a todos que me ajudaram a atingi-la. Curvo-me, como minha mãe fazia diante de seus pais, e humildemente assumo minha pequenez, mas reconheço que possuo também uma centelha divina que me outorga o poder de abençoar. Quando faço isso, quer seja pelo olhar, pelos gestos, pelas palavras, pelos desejos, ou pelos apelos, meu coração pula na frente e lança uma flecha de luz e de amor para “o que” ou “quem” está sendo abençoado. Com serenidade e harmonia posso vivenciar o “te abençoo” ou o “Deus te abençoe” com que tanto sonhei na infância. NAMASTÊ!

Setembro de 2013

Data : 31/10/2013

Título : Fadas ou bruxas?

Categoria: Poesia

Descrição: Tenho para mim que as mães e as avós são fadas e também são bruxas. Elas têm o poder da alquimia como ninguém.

Tenho para mim que as mães e as avós são fadas e também são bruxas. Elas têm o poder da alquimia como ninguém. Transformam o pranto em riso, a fome em satisfação, o medo em segurança, a frustração em realização... Todos os opostos se unificam com a sua intervenção.

Deve ser pelo saber. Quanto mais velhas, mais sábias. Falo de um saber volátil, um saber perfumado, um saber que não se explica nem necessita de compreensão. Um saber que surge não sei de onde, na hora certa. Que transborda no olhar, no toque, no colo, nos gestos... Sem necessidade de palavras. É como se a varinha de condão rompesse o peito e, cheia de luz e energia divina, preenchesse o vazio, anulasse a ansiedade e aliviasse qualquer dor, desencadeando uma chuva de purpura da CURA e BEM-AVENTURANÇA!

Outubro de 2013

Data : 31/10/2013

Título : Acendendo velas

Categoria: Crônicas

Descrição: Por mais de sessenta anos apaguei velas no dia de meu aniversário. Nunca refleti sobre isso. Ia na repetição do que tinha vivido e visto. A gente não questiona os costumes.

Por mais de sessenta anos apaguei velas no dia de meu aniversário. Nunca refleti sobre isso. Ia na repetição do que tinha vivido e visto. A gente não questiona os costumes.

Na maioria das vezes apenas os incorpora, reproduz, automatiza. Apagar o quê?

Há poucos anos, inspirada no querido mestre Rubem Alves, comecei a acendê-las.

Iniciar um novo ano com muita luz. Colocar um farol no caminho incerto que se vai trilhar, do qual não se tem o mapa. Imaginar, prever, devanear sobre o que não se conhece tem poder pequeno, mas colocar fé, vigor e celebração no desconhecido ajuda muito. Se não for no trajeto, será na nossa mente e no nosso coração.

Projetam firmeza, determinação e humildade no reconhecimento de que somos pequenos e impotentes para mudar o rumo divino, porém capazes de acender o lume e erguer o farol da confiança e da esperança em direção ao que não vemos. Não controlamos nada, mas podemos direcionar nossa energia em harmonia com o sopro do vento e a correnteza do rio. Não mudamos o mundo, mas, acendendo em nós mesmos a chama da busca espiritual, estaremos dando um salto ao crescimento coletivo, equilíbrio cósmico e despertar de consciência.

Um ano a mais, luminoso, marcado por essa nova vela de aniversário, faz toda a diferença. Que queime até o final, no seu ritmo e na intensidade de sua chama. Que sejam tantas as velas quantas forem as capacidades de fortalecer e aperfeiçoar essa projeção numa celebração verdadeira e entusiasta à VIDA!

Outubro de 2013

Data : 31/01/2014

Título : Tempo do equilíbrio

Categoria: Poesia

Descrição: Uma fase que se custa adentrar. Com a intenção na frente

Uma fase que se custa adentrar.

Com a intenção na frente  
começa o experimentar.  
É um estágio abençoado,  
no coração situado,  
com muitas milhas pra andar.  
A mente um pouco escondida  
dá lugar para o sentir.  
A pressa, o afobamento  
cedem espaço ao curtir.  
Vivendo em cada momento,  
o que se tem pra viver,  
por inteiro e intensamente,  
calmamente vivenciar:  
alegria, sofrimento,  
risos, lágrimas, silêncio,  
conversa franca ou lamento,  
no “aqui” e “agora” estar.  
Saborear o que se come.  
Cheirar a flor com leveza.  
Dançar no cantar do vento.  
Banhar-se na chuva fina.  
Sentir a relva nos pés.  
Olhar no olho o amigo,  
segurar as suas mãos  
e tornar-se “toda ouvidos”.  
É uma tarefa pra “velho”,  
gostaria de indagar...  
Quanto se perde na vida  
de tanto se preocupar...  
Horas de sono perdidas,  
doenças instaladas, infindas,  
sem razão para ficar...  
O tempo do equilíbrio  
está no estilo de vida,  
muito se liga ao sentir,  
seja qual for a idade:  
vale a pena perseguir!

Janeiro de 2014

Data : 31/01/2014

Título : Caixa surpresa

Categoria: Crônicas

Descrição: O útero materno é a mais preciosa caixa de surpresas. Como a vida é um mistério, o ser humano aí gerado, independentemente do tempo que vive, é uma incógnita.

“Nasceu uma espiga de milho no meu cafezal”.  
Euclides da Cunha

O útero materno é a mais preciosa caixa de surpresas. Como a vida é um mistério, o ser humano aí gerado, independentemente do tempo que vive, é uma incógnita.

- A cara da mãe.
- A testa do tio.
- Parecido com o pai.
- Puxou pelo avô.

Palavras e expressões soltas com relação aos bebês. Com o passar do tempo os pareceres vão tomando mais consistência:

- Tem o dom da palavra.
- Traz a música no sangue.
- É um líder nato.
- Leva jeito para lidar com a terra.
- Fada dos doces, mágica na cozinha.
- Um grande negociante.
- Habilidoso no trato.
- Criativo e sensível.
- Voz feita para o canto.
- Rude no trato, direto nos atos.
- Manhoso, ardiloso ou teimoso.
- Criador de caso ou com jogo de cintura.
- Falador ou silencioso.

Tudo isso já vem no pacote, está na essência, se esconde no bebê que vira gente grande e por traçado da teia fica velho ou morre cedo. A “sina” ou o “carma” não se liga à fartura nem à formosura. Não tem a ver com o estudo, nem com o status. É mais sutil e entrelaçado com as energias e os planos. Traz a marca dos presentes e dos ausentes, dos próximos e remotos, dos que se encontram e dos que se vão, dos que ficam bom tempo juntos ou apenas segundos. Tem a impressão daquilo que deixam e do que levam, dos momentos e dos instantes, das entregas e dos deslizos, dos comprometimentos e das omissões. A surpresa que se forma na caixa é inimaginável, é um salto no escuro, uma explosão de mil cores, alegria, dissabores. É viagem sem retorno, desafio sem receita, caminho sem mapa. Carta enigmática impossível de ser decifrada em apenas uma vida.

Janeiro de 2014

Data : 31/01/2014

Título : Caixa preta

Categoria: Crônicas

Descrição: De repente, a alegria se foi ou se instalou. A tristeza voltou ou voou. Como que num choque elétrico, a ansiedade, o medo, a angústia, a dúvida, o sonho, o desamparo brotam do mais fundo do ser.

De repente, a alegria se foi ou se instalou. A tristeza voltou ou voou. Como que num choque elétrico, a ansiedade, o medo, a angústia, a dúvida, o sonho, o desamparo brotam do mais fundo

do ser. Fatos passados, conscientes ou inconscientes, conhecidos ou desconhecidos acionam um botãozinho qualquer de nossa caixa preta, que nem sabemos onde se esconde, faz o comando, estabelece um circuito e sentimentos ou comportamentos se modificam. Pode ser um cheiro, um som, uma palavra, uma ilustração, um tom de voz, um gesto, uma referência, uma presença, uma ausência o responsável por despertar o alarme da alma. Isso tanto nos conduz para boas vivências como para aquilo que desejamos esquecer ou bloquear. Acende dúvidas, provoca questionamentos, elabora respostas precipitadas e na maioria das vezes nos surpreende. Há quem credite essa conexão a vidas passadas. Eu prefiro buscar entender a vida presente, a que está aqui e me pertence. Daí a relevância do investimento na busca de si e no autoconhecimento. Exige um mergulhar com coragem para dentro de nós na busca da história que nos gerou, nos colocou neste mundo e passeia conosco já desde antes da concepção. Inclui um olhar aos antepassados, seus contextos e vivências, pois estes fazem parte de nosso legado e constituem muitos fios da teia que nos compõe. Sem subterfúgios, sem autopiedade, sem colocar resíduos nos cantos ou debaixo dos tapetes, trazer tudo o que pode nos dar clareza e fornecer dados para desvendar o mistério da nossa existência. Assumir a posição de espectador e pesquisador de nós mesmos talvez seja a tarefa mais significativa, árdua e prazerosa de nossa caminhada com final incerto, porto indefinido e espaço inexistente.

Janeiro de 2014

Data : 31/01/2014

Título : Paquerando

Categoria: Crônicas

Descrição: Acordei em estado de graça. Aquela moleza doce, entrega lânguida aos lençóis e a intenção de permanecer no sonho, sem abrir os olhos ou movimentar sequer um dedo.

Acordei em estado de graça. Aquela moleza doce, entrega lânguida aos lençóis e a intenção de permanecer no sonho, sem abrir os olhos ou movimentar sequer um dedo. Estava paquerando... Paquerar... Seduzir com o olhar, com o gingado suave dos quadris, com a atirada sutil dos cabelos para espiar o “bonitinho” que está olhando.

Paquerar... Apertar os lábios para dar brilho ao batom, ajeitar a saia para que fique mais curta e puxar disfarçadamente a blusa para valorizar o decote.

Paquerar... Diminuir o passo e cadenciá-lo, sem pressa, gesticular expressivamente e dar realce ao anel, à pulseira ou a um detalhe qualquer.

Paquerar... Timidamente deixar sair o “oi” com voz de penumbra.

Paquerar... Dançar após um gentil convite e, sendo o “escolhido”, não agradecer a dança.

Paquerar... Sentir o arrepio do “rosto colado”, às vezes por instantes durante a marca dançada.

Paquerar... Ser gentilmente ajudada, cuidada, quando alguém carrega os livros ou segura suavemente a mão escorregando devagar.

Paquerar... Mandar um recadinho ou pequeno bilhete terno e gentil.

Paquerar... Imaginar o beijo na boca ou um toque mais ousado e estremecer de desejo por isso.

Paquerar... Indagar sofregamente um conhecido sobre algo que desvende a história do “preferido”.

Paquerar... Envolver-se com reservas para não parecer “fácil” ou volúvel.

Inevitável: levantar e iniciar a rotina. A noite chega, mas o dia foi colorido. Transitou comigo o “grupo de meninos” esperando o sinal da escola bater e a saída das alunas para iniciar a paquera. As reuniões dançantes animadas pelos LPs que eram disputados, música a música. O footing na Praça Marechal Floriano, guarnecido pelos rapazes alinhados, antes e depois da missa na Catedral. A presença obrigatória na sessão das oito nos Cines Pampa, Imperial ou Real. O almoço no bandeirão da antiga Faculdade de Odontologia, intercalando uma noite dançante aí e outra no saguão da Faculdade de Filosofia. Paquera instalada pra toda a vida, combustível para o romance, compasso da sedução e tempero para os dias de luta.

Janeiro de 2014

Data : 31/01/2014

Título : Casamento indissolúvel

Categoria: Crônicas

Descrição: Sou da geração que “casava para dar certo”. Nem sempre dava, mas o investimento no casamento era muito forte, e a sua falência, um desmoronamento total, lento para assimilar e difícil de ser consumado.

Sou da geração que “casava para dar certo”. Nem sempre dava, mas o investimento no casamento era muito forte, e a sua falência, um desmoronamento total, lento para assimilar e difícil de ser consumado. É evidente que sempre houve exceções. Falo em regra geral. O namoro era romântico, sonhador e sedutor. Acredito até que o período do namoro sustentava muito a relação que vinha depois. Tinha esse quê de encantamento, de expectativas e projetos que serviam de combustível para o relacionamento.

A sensualidade “entre a luva e a manga do casaco”, descortinada aos poucos, gerava a cada encontro um desejo de “querer mais”. O “revelado apenas pelo olhar” era enigmático e desafiador. Observo hoje a ausência de “namoro” e até tenho escutado queixumes dos jovens com relação a essa carência.

Uma vez casados, iniciava a luta para dar certo. O casal enfrentava desafios comuns a todos os que partilham uma vida em parceria: conquistar um espaço, entender e respeitar as individualidades, agregar as famílias de origem, abrir mão de algumas coisas e apropriar-se de outras, instalar uma nova rotina, cercar-se de conforto e segurança, acolher, educar e encaminhar os filhos. Havia tenência nessa luta. Parece que lentamente, mas não tanto, o tempo passa e o ninho tecido se modifica. Os filhotes voam em busca de outras moradas, o casal se surpreende novamente a dois.

Por mais companheiros que se tornem, os “namorados” não se eternizam juntos e vão descobrindo cada vez mais que suas identidades não se dissolvem numa fusão. A busca da autonomia e da voz e vez de cada um é perseguida. Vejo isso muito mais forte na maturidade e na velhice. Há quase uma intolerância ao “controle” de um pelo outro.

Há um desejo ardente e derradeiro de ser quem se é. O grito de liberdade sufocado, às vezes por muitos anos, urge por brado que se faz pelo alicerce que o companheirismo e a cumplicidade de anos construíram num casamento longo ou por acontecimentos dolorosos e, não raro, pela viuvez.

Não cabem aqui julgamentos, inclusões nem comparações, mas cabe uma certeza: só existe um casamento indissolúvel, o que se faz com a gente mesmo. Este acompanha o levantar e o deitar,

o sonhar e o realizar, o lutar e o estagnar, o nascer e o morrer. O amor incondicional, a serenidade, a ternura, a compaixão, a solidariedade e a caridade são frutos de um bom relacionamento nesse casamento. Há que investir nele enquanto a vida arde.

Janeiro de 2014

Data : 31/01/2014

Título : Segredos de família

Categoria: Crônicas

Descrição: Se havia coisa que me dava “tesão” era ouvir a ordem: - Vá brincar lá fora, isso é conversa de gente grande!

Se havia coisa que me dava “tesão” era ouvir a ordem: - Vá brincar lá fora, isso é conversa de gente grande!

Daí então é que me aguçava uma vontade tal de escutar e descobrir o que falavam que não tinha como sufocar. Saltitava daqui, disfarçava dali e ia “pescando” pedaços de palavras que, associados aos olhares e gestos, me davam mais incentivo para saber de que tratavam. Aprendi muito nessas escutas, e o que não foi claramente expresso sempre me dava uma pista para a pesquisa posterior. Acredito até que essa era uma forma muito sutil de exercitar habilidades mentais. Eram informações que funcionavam como quebra-cabeças cujas peças às vezes se uniam com facilidade e outras vezes só se fechariam na idade adulta. Acredito que ainda tenha alguns quadros em aberto.

Questões sobre sexo era muito comum serem tratadas em sigilo, assim como algumas fofocas e especialmente o que chamavam de “segredos de família”. Para mim esses últimos eram os mais fascinantes. Uma desavença familiar, um filho natural ou “gaúcho”, um caso amoroso ou uma traição conjugal, briga por herança ou apropriação indevida, gravidez fora do casamento, aborto provocado, adoção, homossexualidade e tantos outros fatos corriqueiros nos dias atuais eram trancados a “sete chaves” e só os “mais velhos” sabiam. Com rigidez eram ocultados e, além de se tornarem uma carga para quem os conhecia, incentivavam a mentira e a hipocrisia.

Atualmente, isso por um lado me parece mais transparente, mas por outro permanecem os dramas familiares com mudanças de enredo e endereço, embora com desafios semelhantes.

Nunca me esqueço de uma pessoa simples, espontânea e sábia que num certo dia, afogada pelas preocupações com os filhos, falou para mim: - Professora, a única coisa que muda é que uns têm dinheiro e outros não têm, uns contam e outros não contam...

Sábias e verdadeiras palavras. Fiz imediatamente a conexão com minhas experiências de infância.

Janeiro de 2014

Data : 31/01/2014

Título : Terra, suor e verde

Categoria: Crônicas

Descrição: A postura da árvore me impressiona: imponente, firme, majestosa e tranquila. Se uma só convida à contemplação, uma multidão delas nos transporta a uma viagem fantástica...

A postura da árvore me impressiona: imponente, firme, majestosa e tranquila. Se uma só convida à contemplação, uma multidão delas nos transporta a uma viagem fantástica, especialmente quando a acompanhamos da germinação da semente até a sua maturidade. Na pequenez do início se esconde a incapacidade de abraçá-la ou alcançar seus galhos mais tarde.

O verde-escuro de sua protetora ramagem cerra meus olhos e num repente o chão se desnuda, a terra arenosa se faz poeira e torrão. Esse pedaço de chão se esvazia e volta no tempo. Escuto o rumor da vontade, do trabalho e da perseverança. A luta marca o compasso, e os dias se tecem por um “ir e vir” cheio de intenções, expectativas e planos.

Tudo isso na real certeza de que quando a natureza entra em ação o retorno é distante e corre o risco de a vista não acompanhar e de a vida não colher os frutos.

O susto passa. Os olhos se abrem com medo, mas lá estão elas, frondosas e acolhedoras.

Maternais como toda a natureza. A seiva que sobe da terra outrora vazia se confunde com minhas veias. Por instantes me dissolvo nesse mato, e a tranquilidade se instala. A brisa e os raios de sol, como energia divina, fortalecem meus pés na profundidade de suas raízes. O suor do homem que carinhosamente ajeitou a semente, adubou seu crescimento, eliminou seus predadores salpica minhas lembranças, se confunde com minhas lágrimas e toma forma de gratidão no andar do desapego. Suspiros jovens me embalam, e essa energia vai comigo para sempre!

Sítio do Segredo, janeiro de 2014

Data : 31/01/2014

Título : Opções impostas

Categoria: Crônicas

Descrição: Por muito tempo acreditei que na colheita da vida recolhíamos frutos pertinentes às opções feitas, ou seja, independentemente da quantidade ou qualidade da safra...

Por muito tempo acreditei que na colheita da vida recolhíamos frutos pertinentes às opções feitas, ou seja, independentemente da quantidade ou qualidade da safra, ela colocaria em nosso celeiro o retorno das sementes plantadas, do empenho e do trabalho empregados no seu cultivo e da energia envolvente de cada estação. À medida que fui avançando no tempo, sentia-me um tanto tranquila, pois tinha a certeza de sempre ter feito o melhor que podia e que sabia em cada momento vivido.

A esperança da resposta aos esforços despendidos me deixava transitar num pomar serenamente, erguendo a mão para (a)colher belos, perfumados e saborosos retornos.

Com certa presunção me surpreendi em algumas ocasiões desafiando e questionando os defensores de teorias que falam em destino, carma, sorte, azar..., bem como enfaticamente repetia para os que me cercavam: “Escolheu, assumo! Decidiu, encampe!”.

Também, observando-me e escutando as pessoas convictamente dizendo: “Já avisei... Depois não vou me envolver”.

Para muitas coisas serve envelhecer, e uma delas é a oportunidade de revisão e mudança de opiniões e posicionamentos. Recolhemos, sim, em nossos balaios muito das opções feitas pelos outros e principalmente por nossos afetos. Demoramos o tempo que é nosso, mas guardamos em nossa despensa, com docilidade ou rebeldia, resignação ou revolta, silêncio ou queixume, riso ou lágrima, fluidez ou rigidez, as escolhas que eles fazem. Incorporamos essas decisões na nossa vida e por isso também temos nesta uma farta fruteira de retorno às opções que nos são impostas e que não temos, na maioria das vezes, condições de avaliar. Cabem-nos a abertura para saborear o desconhecido e a leveza para transitar nessa aprendizagem, até porque é a única alternativa que nos resta, a fim de que preservemos os relacionamentos e a convivência com os que nos são caros.

Janeiro de 2014

Data : 31/01/2014

Título : Lembranças aquareláveis

Categoria: Crônicas

Descrição: “Luto fechado”, todo o traje preto usado pela mulher quando da perda do marido – por longos anos –, do pai, da mãe ou de um filho maior, pelo prazo de um ano, que poderia depois ser “aliviado”...

### PRETINHO... BÁSICO?

O preto era a expressão do luto.

“Luto fechado”, todo o traje preto usado pela mulher quando da perda do marido – por longos anos –, do pai, da mãe ou de um filho maior, pelo prazo de um ano, que poderia depois ser “aliviado” para meio luto, por seis meses, com roupas em preto e branco. O homem, nessa situação, usava camisa preta e, no caso de falecimento de irmãos, uma faixa preta no bolso ou na manga da camisa, chamada de “fumo”. Nas casas onde transcorria o velório era colocada uma fita preta na parede pelo lado de fora. Era comum a compra de peças de tecidos preto para a confecção de roupas aos enlutados.

A expressão de dor das pessoas era ampliada pela cor das vestes e pela sobriedade do figurino. Mulheres usavam meias pretas escondendo as pernas em sinal de sofrido recato. Muitas vezes usavam um lenço preto amarrado na cabeça. Por ocasião da morte de meus avós, minha mãe assim se trajou, e isso causava grande desconforto ao meu pai e aos filhos ainda pequenos. As correspondências que na maioria das vezes anunciavam o falecimento eram marcadas por tarja preta no envelope e no papel da carta ou cartão. Comprava-se assim nas livrarias. Quando decretado “luto oficial” por morte de pessoa ilustre, a fita preta era usada nos carros, nas charretes, nas carroças e ornamentavam quadros com fotografias e fachadas de prédios. Quanto preto vi, na infância, por ocasião da morte de Getúlio Vargas.

### A VEZ DO “BRANCO”

De tanto observar o reinado do preto, que muito além do “pretinho básico” toma conta dos mobiliários, objetos de decoração e peças de cama e banho, resolvi desfraldar a “bandeira branca” das lembranças. Essa bandeira inicia pelas bandeiras da paz e traz a lembrança dos

“lenços brancos” acenando numa celebração de despedida. Essa cor predominava nos enxovais e era obrigatória nas vestes dos batizados, na primeira comunhão e nos casamentos.

Branca e engomadas eram as camisas dos homens alinhados. Branca era a calça do “malandro”, bem como seu sapato, e trajes de linho branco vestiam os homens em momentos solenes.

Branco eram os uniformes dos estudantes das escolas públicas (guarda-pó) com emblema no bolso, as meias e os tênis dos desfiles patrióticos.

Branca, as toalhas nas mesas de qualquer cerimonial mais requintado, e alvos, os lençóis de linho, cambraia ou cetim das alcovas perfumadas. Pessoas menos abastadas os confeccionavam de algodão, mas branco. Para que a cor fosse mais pura, usava-se o anil na água de enxágue e ao guardar se enrolava a peça em papel de seda.

Roupa íntima e saias de armação branca, engomadas enfeitavam a moça de cintura fina e bem postada para dar forma aos vestidos artisticamente confeccionados. Golas, punhos e lencinhos brancos também faziam um fino acabamento. Branco eram os “paninhos” usados pela menina-moça como proteção durante o “ciclo menstrual”, ou, como se dizia, durante as regras.

Flores brancas decoravam, emolduravam e eram presenteadas quando se desejava materializar a pureza, a serenidade, a lealdade e a divindade.

As oferendas feitas a Yemanjá são levadas por mulheres de branco que caracterizam, também, nos rituais de origem afro, as Mães de Santo.

Vultos brancos representam espíritos de luz ou anjos. Santos sempre portam algo branco, e Jesus, o Mestre dos Mestres, vestia uma túnica branca.

## ROSA-BEBÊ – AZUL-CELESTE

Menina vestia rosa, e menino, azul. Excluindo o branco, o amarelo e o verde, sempre em tons claros, essas eram as cores que formavam um enxoval de bebê. Fitas, rendas, bordados e camisas de cambraia. Fraldas brancas, de tecido, alvejadas e esterilizadas – fervidas – sem sabão em pó e sempre muito bem passadas a ferro. Era comum o uso de cueiros, sacos de tricô ou crochê que, como acabamento e agasalho, tinham, sobreposta, uma mantilha com delicado e ornamentado vira-mantilha. Uma vez enrolada aí, a criança só ficava com a cabeça à mostra, isso quando não a cobriam por uma touca e com dificuldade só se avistava o rosto. Para o batismo, independentemente do sexo, usava-se uma “camisola” que, considerada consagrada, era guardada como relíquia.

As meninas, nos primeiros dias de vida, tinham suas orelhas furadas e recebiam brincos como primeiro adorno. Bicos – chupetas –, às vezes de ouro, corrente e prendedor de bibeiros eram muito usados. O poder aquisitivo aí ficava muito evidenciado, além de serem mimos comumente dados de presente. As mães se envolviam com o enxoval do bebê, e isso era extensivo aos familiares, pois até as fraldas eram confeccionadas artesanalmente. O “descartável” ainda não imperava. Apesar de bem mais trabalhoso, a energia de esmero e envolvimento que essa espera exigia ia muito além do material e delineava o nível de aceitação, acolhimento e amor dedicado ao novo ser.

Servia até como ritual de preparação para uma nova fase de vida, transformadora e irreversível.

## A COR DA “TRANSMUTAÇÃO”

Quando menina, sentia-me perseguida pelo roxo. Essa cor cobria todas as imagens e quadros de dentro da igreja durante a Semana Santa, e isso me assustava. As mortalhas, vestes que cobriam os defuntos, sempre eram roxas, bem como as molduras do caixão e as faixas das coroas, que eram feitas com flores de latas. Nos paramentos dos sacerdotes essa cor também predominava. Com o passar do tempo e o acesso a informações coerentes sobre o significado das cores, entendi que o roxo corresponde à “transmutação”, ao “renascimento”, à “energia transcendental” e passei

a me encantar por essa cor. Profundamente mística, ela traduz a magia, o mistério e a purificação. Além disso, é utilizada em tratamentos para tranquilizar e acalmar pacientes com distúrbios psicológicos, bem como para liberar os medos.

A ametista tem hoje minha preferência entre as pedras naturais, e a flor de maracujá, com um desenho mágico e fascinante no centro, todo meu encantamento. Nas peças de vestuário, me perco entre as diversas tonalidades de roxo. Isso será “transformação”? Externa ou interna?

Janeiro de 2014

Data : 31/01/2014

Título : Contemplando a escola

Categoria: Crônicas

Descrição: Desde os quatro anos de idade transitei pela escola. Daí se engajaram sessenta anos de presença cotidiana nesse lugar. Andei por escolas particulares e públicas, ora como estudante, ora como funcionária, ora como professora.

Desde os quatro anos de idade transitei pela escola. Daí se engajaram sessenta anos de presença cotidiana nesse lugar. Andei por escolas particulares e públicas, ora como estudante, ora como funcionária, ora como professora. Aqui pretendo registrar um pouco das minhas recordações significativas como aluna, o que permitirá aos mais novos fazer uma comparação com as suas histórias.

Entrar na escola no “Jardim da Infância” era privilégio de poucos, e eram raras as escolas que ofereciam pequenas turmas com esse atendimento. O comum era matricular-se com sete anos no primeiro ano primário e aí começar a alfabetização. Como na maioria das vezes a família não oferecia um ambiente alfabetizador, os meios de comunicação eram poucos e as bibliotecas escassas, esse processo se tornava árduo para os professores e para as crianças. A socialização era difícil, visto que não era comum as crianças participarem de eventos e/ou atividades sociais, que se restringiam a brincadeiras com familiares e a vizinhança. Era comum a realização de um teste para medir o quociente intelectual (QI) antes da organização das turmas que congregavam os tidos como “mais capazes” e “menos capazes”. Depois as turmas passavam a reunir os “mais atrasados”, os mais “adiantados” e os “repetentes”, simbolicamente representadas pela Turma A, B ou C. Era fundamental o “período preparatório”, quando para a maioria das crianças eram ensinados até a forma correta de pegar o lápis e o manuseio do caderno.

Nessa fase também eram desenvolvidos inúmeros exercícios para a motricidade, as habilidades mentais e implementar hábitos disciplinares. O domínio do alfabeto e o método da silabação eram os mais usados e no final do ano a aprovação se dava, basicamente, por uma “prova de leitura oral” e outra “escrita com letra cursiva”. Nas instituições de ensino públicas, por um bom tempo, as provas vinham, da Secretaria de Educação, lacradas e comuns a todas as escolas. A ortografia era imprescindível. O índice de reprovação era muito grande, e a repetência às vezes acontecia por mais de um ano consecutivo.

Completados os cinco anos de curso primário, todos os alunos que desejavam continuar os estudos eram submetidos a um exame de “Admissão ao Ginásio”. Quando aprovados, iniciava-se o Curso Ginásial, que se estendia por quatro anos. Nessa etapa estudava-se, além das disciplinas fundamentais, as línguas estrangeiras: Inglês, Francês, Espanhol e Latim. As avaliações eram mensais e o exame final, obrigatório, sendo este composto por prova escrita e prova oral. A prova oral era avaliada por uma banca de três professores e com ponto sorteado no momento de

sua realização. Para quem reprovava em Português ou Matemática era destinada a repetência e, obtendo aprovação nestas, mas não conseguindo a nota mínima em até duas das outras disciplinas, era concedida uma nova oportunidade através de “exame de segunda época”, realizado após as férias escolares.

Concluído o ginásio, era feita a escolha: Curso Clássico – predomínio de disciplinas da área de humanas; Curso Científico – disciplinas de ciências exatas; ou Curso Normal, que formava professores para séries iniciais e também exigia para ingresso um exame vestibular. Havia, ainda, o Curso de Contabilidade, que formava os “contadores” ou “contabilistas”.

Além das disciplinas hoje ministradas, recebíamos aulas de Canto Orfeônico, com base musical; Técnicas Domésticas, com conhecimentos e práticas sobre organização da casa para as meninas; Técnicas Industriais, com trabalhos em madeira, com fios, pequenos concertos para os meninos; Puericultura, sobre cuidados com o bebê, etc.

Em todos os níveis o professor era muito respeitado, e, como a disciplina era bastante rígida, as reivindicações costumavam ser muito comedidas. Grande parte das salas de aula tinha classes emendadas, ou seja, onde se sentavam dois alunos. Os recursos mais usados eram o quadro-negro, o giz e o livro-texto, este utilizado em todo o território nacional, sem contemplar as peculiaridades regionais. A oratória do professor era muito valorizada. As atividades rotineiras eram as leituras, as dissertações e os questionários.

A memorização do conteúdo era uma prática usual. O caderno de caligrafia, um parceiro de muitos anos. O caderno quadriculado era utilizado para as atividades de Matemática. Lia-se muitos livros, e os clássicos da literatura eram imprescindíveis.

Interessante registrar o uso da caneta-tinteiro, que, um pouco mais modernizada, possuía carga de tinta líquida, mas exigia um treino especial para manuseio. Fui presenteada por meu pai com uma Parker 21 no término do ginásio e com uma Parker 51 (pena de ouro) mais adiante, o que significava a obtenção de uma joia. Também eram significativos os anéis de formatura, cada ciclo ou curso com um design próprio. Lembro que o do Curso Ginásial tinha pedra azul e o do Curso Normal, pedra preta com uma estrela central. Nas laterais, a simbologia específica.

O civismo era muito vivenciado. As atitudes de respeito aos símbolos nacionais, bem como o canto dos Hinos Nacional, Rio-Grandense, da Independência e da Escola, o hasteamento e o arreamento de bandeiras, práticas rotineiras.

A higiene da sala de aula tinha um cuidado participativo, e a higiene pessoal era fiscalizada. Havia uma revisão, por parte do professor, do corte das unhas, da limpeza das orelhas, do pescoço e dos cabelos.

Por todos os anos em que transitei nesse espaço como professora, sempre algumas questões nortearam minha gestão:

O que valeu a pena?

O que não serviu?

O que ainda vale?

O que se perdeu e o que se ganhou com tantas mudanças?

Entre o VELHO e o NOVO, o que aproveitar e conservar?

O que nos fez melhores, mais felizes, mais humanos e capazes de preservar valores permanentes?

A análise fica por conta de cada um... Eu já fiz a minha.

Janeiro de 2014

Data : 31/01/2014

Título : Almas de minhas moradas

Categoria: Crônicas

Descrição: Morei em muitas casas. Meu pai era militar e várias vezes fora transferido de unidade. Já jovem e adulta, também incursionei por espaços diversos só e com minha família.

Morei em muitas casas. Meu pai era militar e várias vezes fora transferido de unidade. Já jovem e adulta, também incursionei por espaços diversos só e com minha família. De algumas carrego a energia, e isso não é coerente com o tempo de morada.

A casa onde nasci e morei até os sete anos é uma presença viva em minhas lembranças. Sou capaz de redesenhá-la não só na organização física, mas também nos detalhes, e a sensação que me causa é atual. Escuto sons, vozes, sinto cheiros e me aconchego nela sempre que o medo me surpreende. Volto à infância pela moradia, lá está muito da minha criança interna. Há poucos dias a fotografei, envelhecida mas com a mesma feitura original, e na imagem me vejo presente. A casa onde meus pais moraram mais tarde, até sua morte, continua sendo outra “minha casa”. Volto lá e sinto a energia familiar circulando em todos os cômodos. Lá sou mais leve, menos sobrecarregada, com o cuidado e a proteção que vêm dos “mais velhos”. Lá deixo de ser a provedora, o cerne, a guia. Sou filha, sou irmã, sou dependente. Minha alma saltita na rua, na sala, no pátio, na cama e sobretudo na cozinha.

A minha casa atual, morada de quarenta e quatro anos, tem a história da família impregnada desde a soleira da porta de entrada até o muro no final do pátio. Nela se incrustou a energia da construção, da luta, da conquista, da renúncia, da simplicidade, da alegria, da vida e do amor. Energias negativas não se instalam aí; podem até passar, mas se vão ou se transformam. Na sala de visitas firmam-se os encontros formais ancorados por mandalas e anjos. Baguá em cima da porta alta para proteção e sinos para atrair boas notícias. Fênix para decretar ali o renascimento.

Na sala de convivência concentra-se a energia mais pura, produto de canalização ou transmutação. É o lugar dos encontros, do compartilhar, do desabafar, do conversar, do dançar, do rir, do abraçar, do chorar, do discordar, do celebrar, do abençoar, do desnudar a alma individual e coletivamente. Muita música faz a catarse de momentos de ansiedade, medo, tristeza e desarmonia que por aí possam passar.

Meu quarto é o meu refúgio. Nele sou eu mesma e sinto-o como o útero materno. Não desempenho papéis, não tenho funções... Agasalho meus devaneios, desenganos, mágoas, inseguranças, fragilidades, ganhos e perdas. Entrego-me a um divino que tem mais poder e dissolvo-me aos seus pés para depois repousar. Terceirizo o que não posso mudar e fortaleço a certeza de que não controlo nada. Abençoo esse cantinho, a mim, aos que amo e aos caminhos percorridos e desconhecidos com gratidão.

O quarto de passagem, dos que vêm e dos que vão, tem uma parede verde para preservar a saúde e o bem-estar e uma mandala com quartzo rosa para fortalecer a energia do amor e do acolhimento.

O escritório. Templo de recolhimento por um bom tempo. As dores curtidas aí se transformaram em rudes balaios de flores silvestres. Continua um refúgio para o pensamento, a reflexão e o estudo. Tem também o laço dos relacionamentos com os que passaram e os que estão por aí. Recanto de paz e silêncio.

Os banheiros são espaços terapêuticos. Pelos seus ralos e canos escorrem não só os resíduos materiais, mas também o stress, a raiva, o cansaço, a turbulência e tudo o que pesa e não serve mais. A gratidão pela água se faz presente, consciente ou não.

Num banho de cura, o corpo e a alma unificam-se e dissolvem-se como riacho doce e perfumado. É o lugar da parada diária obrigatória, do relaxamento e da leveza.

O pátio... Ah! Espaço de os passarinhos cantarem, acasalarem, fazerem seus ninhos, criarem seus filhotes. É onde a natureza interage conosco e se preserva. Guarda o riso, o barulho, as traquinagens, as vozes, os passos, as brigas e os embalos de meus amados filhos. É o lugar que meus netos mais curtem. Possibilita subir na árvore, banhar-se com mangueira, andar de pernas de pau, balançar-se, jogar bola, fazer fogo de chão e guerra de bexiguinhas, atirar pedras no muro, correr, pular corda, apropriar-se de terra, relva, sol e chuva.

Velha ou nova? Grande ou pequena? Segura ou vulnerável? Simples ou requintada? Na medida certa para minha alma. Sua energia agasalha meus sonhos, projetos, celebrações; alivia meu cansaço e minhas dores. Porta aberta e franca para os que chegam com “bons fluidos”. Bálsamo para os que necessitam de aconchego e descanso. Umbral fechado para os maus presságios, as maledicências e intrigas.

Círculo de luz ao seu redor!

Janeiro de 2014

Data : 31/01/2014

Título : Nomes para guardar... Fatos para lembrar...

Categoria: Poesia

Descrição: Conheci há um bom tempo uma tia Celanira

Conheci há um bom tempo  
uma tia Celanira,  
famosa pelo refrão  
que em bom tom repetia,  
com o pé no estribo do trem  
nunca ela sabia  
se ficava ou se ia...  
Outra tia elegante,  
a “finesse” da família,  
chamava-se Gabriela  
e em São Gabriel vivia,  
tinha um estoque de presentes,  
quem ia à sua casa  
de mãos vazias nunca saía...  
O padrinho de minha mãe,  
tio de nome Segesmundo,  
era irmão da Eutália,  
cunhado do Octacílio,  
casado com a Izolina,  
que era irmã da Delfina  
e no “Rincão dos Menezes” residia.  
Meu avô, o Brasilino,  
vestia traje gaúcho,  
cheirava as mãos por mania,  
tinha um irmão Brasileiro,

um dos filhos era o Laurindo,  
pai do Salvador Messias,  
outro Mário, a Idalina  
e na campanha vivia.  
Num alambique mui simples,  
tio Teófilo morava,  
casado com a Melania,  
vários filhos cuidavam,  
entre eles o Valeman,  
eram Palmira e Valdomira  
as meninas que os alegravam.  
Um dos irmãos da minha avó  
chamava-se Argemiro,  
recatado e solitário,  
de alguns era o arrimo,  
cuidava do tio Anísio,  
da sua esposa, a Alzira,  
e contava do Orozimbo,  
do Tatão e da família.  
O senhor Nepomuceno  
era amigo da família,  
trabalhava em trem de carga,  
notícias sempre trazia,  
chegava falando alto  
das bandas do Cacequi,  
alegrando a freguesia.  
Minha vizinha de infância  
era dona Coscolina,  
viúva do seu Taurino,  
boa conversa tecia,  
era sogra da Euchéria,  
parente da Epaminas,  
o neto Jamir, sua companhia.  
Madrinha do meu irmão  
era a dona Primitiva,  
pessoa meiga e bonita,  
a minha madrinha Iolanda,  
cult, íntegra, exigente,  
tinha português perfeito,  
era uma grande viajante.  
Conheci em Iraí  
um moço muito elegante,  
tem por nome Laercy,  
“doble-chapa” e inteligente,  
assim como o Valmoci,  
marido da minha sobrinha,  
conquistaram a família e  
são queridos “parentes”.  
Impossível não falar  
sobre minha sogra Clotilde,

eterna ela será,  
não só por laço de sangue,  
pela firmeza e energia,  
temperamento mui forte,  
retidão e honestidade  
o caráter incluía.  
Subida em cima do salto,  
dava palpíte, falava,  
com alguém ou bem solita,  
tomando mate, dizia:  
“Febre se vê na barriga  
com a boca encostada.  
Roupa úmida ou gelada,  
no rosto será testada.  
Elegância e capricho,  
dente e sapato mostrava.”  
Casada com Nilo Pires,  
famoso por suas andanças,  
tinha um cunhado Telêmaco,  
sobrinho da Ibraima,  
sua sogra era Ambrosina,  
esposa do seu Florindo,  
mais antigos na família.  
Antes de encerrar  
esta encomenda da Lê,  
preciso contar da Medora,  
comadre da minha vó,  
que em poucos minutinhos  
trouxa de roupa lavava  
e ao sol e vento secava.  
Na tina ou numa sanga  
molhava todas as roupas  
com a pontinha dos dedos  
ou caniço as retirava,  
na cerca dependurava,  
nem a marca da farinha  
da saia ela retirava.  
Na mesma localidade,  
duas moças elegantes  
desceram de uma charrete  
pra o comércio visitar,  
puxando o vocabulário  
com requinte e mui coquetes,  
piolhos estavam a ocultar.  
Pra não falar “pente fino”,  
estilosas como tais,  
pediram ao atendente um pente:  
para “insetos cabeçais”...  
Evitando falar “penico”,  
solicitaram ao moçoilo

um vaso muito especial  
para “estrandos noturnos”,  
sabemos que pra algo mais...  
Assim vou tecendo um cordão  
de pessoas e fatos marcantes,  
para contar aos mais novos  
causos reais e interessantes.  
São histórias relevantes que  
ao passar de um pra outro  
nunca ficarão distantes.

Janeiro de 2014

Data : 28/02/2014

Título : Metáforas de um sisudo

Categoria: Crônicas

Descrição: Você sabe o que é “sisudo”? É sério, cara fechada, sorriso raro, pouca conversa, às vezes parecendo brabo... Mas isso é apenas um jeito de ser.

Você sabe o que é “sisudo”? É sério, cara fechada, sorriso raro, pouca conversa, às vezes parecendo brabo... Mas isso é apenas um jeito de ser.

Tem pessoas que são assim. Conheço e convivo com algumas delas. Com uma em especial tive uma convivência longa, profunda, amorosa e cheia de aprendizagens.

Aprendi que...

- São como piruás. Você sabe o que são piruás? Pipocas que não estouraram, mas carregam no grão as mesmas propriedades das que ficaram branquinhas.
- São como sementes em dormência. Necessitam processo especial para germinar.
- São como cactos. Difíceis de se deixarem tocar, mas guardam flores sensíveis e belíssimas.
- São como chocolate em barra. Firme, escuro, mas doce que se derrete com qualquer calor.
- São como plumas ao vento. Difíceis de segurar, mas leves e suaves.
- São como pedras de rio. Duras, perenes, mas se moldam artisticamente com o curso d'água.
- São como dias nublados. Cinzentos e fechados, mas num repente deixam o sol se mostrar.
- São como troncos de árvores. Escondendo a seiva, mas sustentando toda a ramagem.
- São como cocos secos. Ásperos e escuros, mas preservando a polpa branca e o suco curativo.
- São como FÊNIX. Ensimesmadas, de voo alto, resistentes, austeras, persistentes, mas ressurgem das cinzas!

Fevereiro de 2014

Data : 21/03/2014

Título : Versos na Neblina

Categoria: Poesia

Descrição: Em momentos de tristeza, vazio, isolamento e frio,

Em momentos de tristeza, vazio,  
isolamento e frio,  
o rumo se vai,  
o andar fica incerto,  
o coração escurece,  
os olhos turvam,  
os versos saltam como catarse...  
Baixo a neblina de lágrimas  
choradas ou engolidas,  
compartilhadas ou escondidas,  
arquivadas ou assumidas.

Data : 23/03/2014

Título : Palavras ao Vento

Categoria: Poesia

Descrição: Registros que se soltam pelo ar feitos em tempos diversos

Registros que se soltam pelo ar  
feitos em tempos diversos  
e vivências únicas  
com metáforas de destino incerto,  
para olhares atentos,  
mãos estendidas,  
corações abertos...  
Gosto pela (RE)flexão...

Data : 23/03/2014

Título : Anotações de Baú

Categoria: Poesia

Descrição: São os rabiscos guardados, os antigos, amarelados, pedaços de tempo que o tempo não apaga.

São os rabiscos guardados, os antigos, amarelados,  
pedaços de tempo que o tempo não apaga.  
Num repente voltam, querem ser ditos,  
precisam ser ouvidos.  
É prazeroso contar,  
é história pra ficar,  
é nó pra não desatar,  
é ferida pra curar...

É amor para eternizar!